

ESCRITOS DE VITÓRIA 38

# VIVER É VER VITÓRIA



VIVER  
É VER VITÓRIA



PREFEITURA DE  
VITÓRIA

ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

Ester Abreu Vieira de Oliveira  
(Presidente)

Getúlio Marcos Pereira Neves  
(1º Vice-Presidente)

Romulo Felipe  
(1º Secretário)

Marcos Tavares  
(1º Tesoureiro)

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

- PREFEITURA DE VITÓRIA -

*Lorenzo Pazolini*  
(Prefeito Municipal)

*Estéfane da Silva Franca Ferreira*  
(Vice-Prefeita)

*Eduardo Henning Louzada*  
(Secretário Municipal de Cultura)

*Elizete Terezinha Caser Rocha*  
(Coordenadora da Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim)

ESCRITOS DE VITÓRIA

VOLUME 38

JONAS REIS

[ Organizador ]

VIVER  
É VER VITÓRIA

*SEMC*

Vitória (ES)

Prefeitura Municipal de Vitória

Secretaria de Cultura

2023

Copyright © Prefeitura Municipal de Vitória, 2023

CONSELHO EDITORIAL

Adilson Vilaça \* Álvaro José Silva \* Ester Abreu Vieira de Oliveira  
Elizete Terezinha Caser Rocha \* Fernando Achiamé  
Francisco Aurélio Ribeiro \* Getúlio Marcos Pereira Neves

ORGANIZADOR: Jonas Reis

REVISÃO: Dos autores

CAPA E EDITORAÇÃO: Wilbett Oliveira

IMPRESSÃO: Editora Cajuína

FOTO DA CAPA: © Chico Guedes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Municipal Adelphi Monjardim (Vitória/ES)

---

V 857 Viver é ver Vitória / Jonas Reis (Org.). – Vitória, ES : Secretaria Municipal de Cultura, 2023.  
150 p. ; 21 cm. – (Escritos de Vitória, 38).

ISBN: 978-65-85121-69-9

Publicação da Prefeitura Municipal de Vitória em convênio com a Academia Espírito-Santense de Letras.

I. Crônicas, poesias, ensaios - Vitória (ES). 2. Literatura brasileira – Vitória (ES). 3. Reis, Jonas. I. Vitória (ES). Secretaria Municipal de Cultura. II. Academia Espírito-Santense de Letras. III. Série.

CDD B869.852

---

Distribuição gratuita. Venda Proibida.  
Biblioteca Municipal de Vitória “Adelphi Monjardim”  
bmunicipalvitoria@gmail.com  
55 27 3381.6926

## SUMÁRIO

<b>Vidas e vivências nos <i>Escritos de Vitória</i></b> .....9 Lorenzo Pazolini	
<b>Apresentação</b> .....11 Ester Abreu Vieira de Oliveira	
Adriana Moulin de Alencar Picoli <b>Vitoriosa</b> .....13	
Ailse Therezinha Cypreste Romanelli <b>Viver é ver Vitória... e fugir do vento macho</b> .....15	
Aldo José Barroca <b>Ilha do mel</b> .....18	
Alex Krüger <b>Dias de fel</b> .....22	
Amélia Schultz Zager <b>O trem</b> .....23	
Anaximandro Amorim <b>Se viver é ver Vitória... eu vi e vivi!</b> .....25	
Andressa Zoi Nathanailidis <b>Viver é ver... A Música!</b> .....27	
Ângela Sapolatti Ortelan <b>Vitória sob um olhar global</b> .....30	
Anne Mahin <b>Vontade de Vitória</b> .....32	
Annie Cicatelli <b>Vitória é uma ponte</b> .....34	
Antonio da Silva Pereira Neto <b>João e Maria do Morro</b> .....37	
Bárbara Gozzer Machado <b>Mãe do mar</b> .....40	

Bartolomeu Boeno de Freitas <b>Dos lugares que passei</b> .....	43
Brendda Neves <b>Vim, vi e venci</b> .....	46
Carlos Bona <b>Minha ilha tem</b> .....	47
Carlos Nejar <b>Viver é ver Vitória</b> .....	50
Chico Neto <b>É pra ver de dentro</b> .....	51
Deane Monteiro Vieira Costa (Tiana) <b>O dente vidente, vovó Chicola</b> .....	54
Denise Moraes <b>Viver é ver Vitória</b> .....	57
Eduardo Baunilha <b>Obrigado Vitória!</b> .....	60
Emanuel Vitor das Mercês Souza <b>À Vila Nova do Espírito Santo</b> .....	62
Ester Abreu Vieira de Oliveira <b>Vínculo para ver Vitória</b> .....	64
Esther Torinho <b>Viver é ver Vitória</b> .....	66
Fabio Daflon <b>Vitória</b> .....	67
Fabiola Vasconcellos Patta Sampaio <b>A caça das borboletas</b> .....	68
Fernando Achiamé <b>De vitórias &amp; reclamações</b> .....	70
Francisco Aurélio Ribeiro <b>Viver é ver Vitória?</b> .....	73

Gilcéa Rosa de Souza <b>Viver é ver Vitória</b> .....	76
Gracinha Silva Neves <b>Vitória, em tempos de outrora...</b> .....	79
Humberto Del Maestro <b>Trovas</b> .....	83
Ítalo Campos <b>O destino da cidade presépio</b> .....	85
Jô Drumond <b>Impressões a beira-mar</b> .....	88
José Augusto Carvalho <b>Viver é ver Vitória</b> .....	91
Júlia Barros Baunilha <b>O ver Vitória pelo bairro São Pedro</b> .....	94
Kao Martins <b>Assim me falou Iemanjá</b> .....	96
Kátia Bobbio <b>Vitória</b> .....	99
Laurany Márcia Matiello Redins <b>Viver é ver Vitória</b> .....	101
Luciana Nemer <b>Caminhos pela Enseada do Suá, Praia do Canto e Jardim da Penha</b> .....	103
Luiz Henrique Rocha Siqueira <b>Beira-Mar</b> .....	106
Marcela Guimarães Neves <b>Janela aberta</b> .....	107
Márcio Miranda Moraes <b>Há uma cidade noutro lado d'água</b> .....	110



Marcos André Malta Dantas <b>Vitória-rotatória</b> .....	113
Marcos Tavares <b>Alinhavos Vitóreos</b> .....	115
Maria Helena Falchetto <b>Viver em Vitória</b> .....	119
Marilena Soneghet <b>Tempo vindo</b> .....	121
Oscar Gama Filho <b>Viver é ver Vitória</b> .....	123
Penha Franzotti Donadello <b>Vitória nossa, cidade poesia</b> .....	126
Renata Bomfim <b>Carmélia e Marien sabiam das coisas</b> .....	131
Rosalina Koelhert <b>Vitória dos olhos meus</b> .....	134
Shirley Marylene Peixoto Saliba <b>Viver em Vitória</b> .....	137
Sonia Maria Rosseto <b>Viver é ver Vitória</b> .....	140
Thiago Soares Damasceno <b>Tempo</b> .....	142
Vanda Luiza de Souza Netto <b>Meu lugar de Ver Vitória</b> .....	144
Vitória Sainohira <b>Eu monologo com ...</b> .....	146
Wanda Maria Alckmin <b>Viver em Vitória</b> .....	147

## VIDAS E VIVÊNCIAS NOS ESCRITOS DE VITÓRIA

A riquíssima Coleção Escritos de Vitória, que chega ao volume 38 com o tema “Viver é ver Vitória”, realizada pela Academia Espírito-santense de Letras (AEL) em parceria com a Prefeitura de Vitória, nos convida a navegar, em cada uma de suas páginas, por um mar de histórias repletas de peculiaridades, vivências, ensejos, emoções e capixabismos que marcam a nossa cultura.

Os versos e frases, narrados pelos próprios moradores da cidade, se entrelaçam e remontam os pequenos e prazerosos pedaços de memória literária que compõem o imaginário capixaba, immortalizando-o, tanto no papel quanto em nossas mentes.

É com muita honra que a Prefeitura de Vitória apoia a Coleção Escritos de Vitória, demonstrando seu compromisso permanente com a literatura, cultura, arte e o reconhecimento dos escritores, incluindo também os artistas, músicos, cantores, atores, bandas e grupos culturais.

A todos, desejo uma enriquecedora e envolvente leitura!

**Lorenzo Pazolini**  
Prefeito de Vitória



## APRESENTAÇÃO

Vitória, a capital do ES, como a do Maranhão e a de Santa Catarina, está localizada em uma ilha e se liga ao continente por seis pontes edificadas em épocas diferentes, daí as suas especificidades arquitetônicas.

A ilha de Vitória, que já foi chamada pelos colonizadores de Santo Antônio e pelos nativos de Guanaira, “ilha do mel”, considerada fundada no dia oito de setembro de 1551, permite, pelo seu percurso histórico-social e pelo conteúdo de belezas naturais, encantar os seus habitantes e visitantes.

Esta coleção de Escritos de Vitória - 38, “Viver é ver Vitória”, dá seguimento ao primeiro número lançado, no Espírito Santo, pela Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), em 1993, com o objetivo de recolher textos de escritores capixabas que, em prosa ou verso, manifestassem seus sentimentos por esta cidade, dentro de um determinado tema.

Para a composição dessas séries, sempre esperadas, citadas e lembradas por todos os que gostam de ler e de lembrar o passado e o presente de nossa cidade-ilhéu, a Academia Espírito-santense de Letras (AEL) faz uma chamada por um edital levada a público por veículos de comunicação e pelo site dessa instituição.

Nesta publicação da AEL, em conjunto com a Secretaria Municipal de Cultura da PMV, o tema escolhido pelo Conselho Editorial da AEL/PMV teve a sua origem na frase consagrada do escritor e acadêmico Marien Calixte: “Viver é ver Vitória”.

Participam deste número, organizado pelo acadêmico Jonas Reis, 55 autores que em textos narrativos ou poéticos demonstram sua contemplação pela cidade, seja pela lembrança

de um fato ou por um momento de êxtase, que os leitores poderão se identificar.

Esta coleção da PMV/AEL vem, cada vez mais, instigando o escritor a manifestar o seu interesse pela cidade de Vitória e por suas belezas, provando à sociedade capixaba que bons projetos devem sempre ter continuidade e que essas publicações valorizam a área da Literatura e da Memória - fatores imprescindíveis para a consolidação dos valores de uma sociedade.

A AEL agradece aos escritores e às escritoras que contribuíram para o enriquecimento deste número com seus textos, aos membros do Conselho Editorial, ao Secretário de Cultura da Municipalidade, Eduardo Henning Louzada, aos funcionários da PMV, ao escritor e organizador desse número, Jonas Reis, e ao prefeito de Vitória Lorenzo Pazolini, são eles que proporcionaram que este número chegasse às mãos dos mais variados leitores, porque como cantou a colatinense Adriana Moulin “Vitória não se submete/ e pulsa no ritmo de um crescer desenfreado.” Este livro retrata o amor à cidade de Vitória, e a leitura desta edição vale a pena para comprovar como é bom “Viver em Vitória”.

Vitória, 11 de dezembro de 2023

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ester Abreu Vieira de Oliveira**

Presidente da AEL ([ael.org.br](http://ael.org.br))

# VITORIOSA

## Adriana Moulin

Natural de Colatina-ES. É Médica formada pela UFES, escritora e reside em Imperatriz - MA. Membro da Academia Imperatrizense de Letras. Publicou cinco livros e tem participação em antologias.

Vitoriosa  
e com vocação para a lindeza  
a poesia e a prosa.  
Encanto para os olhos e a alma.  
Vitória é linda. Espontaneamente linda...  
e faz desaguar em mim uma ternura idílica.  
Portentosa ilha!

Caótica  
com uma elegância ortodoxa  
aconchegante e, por vezes, fria  
(bipolar eu diria...)  
com toda a sedução e seus reveses.  
Vitória não se submete  
e pulsa no ritmo de um crescer desenfreado.  
Vitória acolhe, abraça, devolve  
faz careta, sorri com a boca toda  
e me mata de saudade...

Vitória é vida, é mar, é lida  
é a Curva da Jurema, o Marlim-azul  
a restinga  
é cultura efervescente  
é o minério insistente  
o navio, o porto  
o cochicho no salão

o bate-papo no bar da esquina  
o futebol de areia das quintas...

É o pocar de rir, a gastura  
a taruíra, o pão de sal  
a chuva repentina, o vendaval...  
o olhar de ‘menesguei’  
(desconfiança sutil)  
é um amontoado de gentes vindas de todo canto  
é o congo!  
E também os seus morros  
suas pedras gigantes  
e o seu trânsito mutante

Vitória é o peixe, a panela, a moqueca  
é a torta capixaba (só nossa!)  
é a preta airosa, a branca dourada  
a indígena de cabelos lisos e brilhantes  
— sua gente multicolorida —  
é a (quase) vocação para cidade grande.  
Por isso, também, é linda!

Vitória é essência freneticamente viva  
e sua beleza incontestemente cativa!  
Quando a avisto do alto, meu coração dispara...  
É a glória!

Viver é ver Vitória!

## VIVER É VER VITÓRIA ... E CORRER DO VENTO MACHO

**Ailse Therezinha Cypreste Romanelli**

Integra a Academia Feminina Espírito-santense de Letras (AFESL), onde ocupa a Cadeira nº 25, cuja patrona é Zilma Coelho.

Era cedo quando a livraria ligou avisando que a encomenda havia chegado. A menina rapidamente trocou de roupa e foi para o ponto do bonde. Perto da Igreja de Santa Rita, na Praia do Canto, pegou o primeiro que passou. Desceu na Praça Costa Pereira e se lembrou de uma peça de roupa que ficara para ser consertada, numa loja da Gama Rosa. Foi até lá. Conserto conferido, seguiu para a livraria.

A Livraria Acadêmica não parecia uma livraria; não tinha placa e quase não tinha livros, era só uma portinha, mas determinadas obras podiam ser compradas sob encomenda. A menina pegou o pacote e examinou os livros: um de Filosofia, um de Educação Comparada e um outro que já não sei mais. Passou a travessa e entrou na quadra da Praça Oito indo até a farmácia.

O Nordeste soprava forte e bem no meio da praça, próximo ao relógio, o vento levantava pequenos rodaminhos com a poeira e as folhas secas. Divertida, a menina pensou: que dia bom para pegar saci!

Saindo da farmácia, entrou na ventania e começou a volta para casa. Ia andando apressada, ansiosa para olhar os livros, especialmente a novidade da Educação Comparada.

Mas a quadra central da Praça Oito era mágica, algo sobrenatural. Em dia de vento forte era preciso atravessar aquele pedaço de rua segurando firmemente as saias para evitar o



desprazer de exhibir as pernas e sabe-se lá o que mais. O vento enchia o espaço assobiando e impiedosamente assediava todo e qualquer elemento feminino que atravessasse seu caminho; lá se iam os cabelos, as saias, anáguas, rendas e o que mais houvesse.

Depois de ouvir os inúmeros casos de suas amigas e ter ela própria vivenciado a experiência, Margarida Pimentel, em um delicioso livro de crônicas, sentenciou: “Em Vitória o vento é macho”.

Com a bolsa pendurada no ombro e carregando seus preciosos pacotes, a menina seguia repassando as estórias de saci, contadas pela bisavó, legítima descendente de puris. Distraída com seus próprios pensamentos, não se lembrou de que vestia uma grande saia rodada como era o costume; tinha as duas mãos ocupadas e o Nordeste batia forte.

Olhou a avenida e viu que o bonde já vinha descendo a rua. Apressou o passo; foi quando sentiu algo bater em sua cabeça. A ficha caiu; era a saia que voava alto. Margarida tinha razão: em Vitória o vento é macho. Na época, rara a mocinha que não tivesse sofrido o assédio do vento; todas tinham uma estória de saias e anáguas voando na travessia da Praça Oito.

O bonde vagorosamente deu a volta na praça e parou no ponto. O verde glorioso da Costa Pereira se contorcia espalhando folhas e gravetos. Bastante desconcertada a menina subiu no bonde. Num primeiro momento, pensou: minha saia subiu; foi agora? Ou foi antes? Será que alguém viu? Será que atravessei metade da cidade com as rendas das anáguas expostas? Ou será que ela também voou? Céus?!!

Não havia nada a fazer. Já tinha acontecido. Era passado. Até se esqueceu dos sacis; como eles devem ter se divertido...

Olhando o mar, por cima da curva do Saldanha, pensou como a cidade era bonita, a majestade do Penedo, a água pa-

recendo dourada, ondulando e brilhando ao sol da manhã. No cruzamento de Maruípe, as bolas de maruins passeavam por cima do tabual e a menina se lembrou do dia em que uma delas entrou no bonde. Riu sozinha. Que sufoco!!.

Mas refletia: Que vento esquisito. É Nordeste, mas por quê sopra pela avenida de sudoeste para este? Ele se espraiava pelo largo do relógio em mil rodamosinhos e ai de quem não segurasse firme a sua saia. E por quê justamente naquela ponta da quadra?

Nunca soubemos.

Bons tempos aqueles em que se podia andar a pé impunemente, pelas ruas da cidade, indo à padaria, à farmácia, à Igreja, olhar as lojas, talvez comprar alguma coisa ou simplesmente sentir o vento bater no rosto e ver a vida passar.

Hoje, pouca gente ainda usa saia. O jeans impera, os shorts são curtíssimos, as pernas já estão de fora. Com novos prédios e outras obras não sei se na região da Praça Oito o espaço ainda possibilita as estrepolias do vento macho.

Quanto aos sacis, diante da violência urbana, todos devem ter fugido para a matinha do Convento, talvez buscando a proteção de Nossa Senhora; se você nunca pegou um.....acabou, ciao!

## ILHA DO MEL

### Aldo José Barroca

Membro do IHGES e AEI. Escritor e Jornalista articulista, cinco livros publicados, diversos a publicar. Artigos: *A Tribuna*, *Revista do IHGES* e *Escritos de Vitória*.

Dito histórico de Marien Calixte: “Viver é ver Vitória”.

Mãe professora primária e pai jardineiro francês, Marien nasceu em 20 de outubro de 1935, no Méier (RJ). Ao completar dez anos, sua família veio para o Espírito Santo. Autor de livros, como crônicas e poemas. Faleceu em 25 de dezembro de 2013.

Em Vitória, temos inúmeras atrações turísticas, como: Santuário-Basilica de Santo Antônio, Centro Histórico (Palácio Anchieta, Catedral Metropolitana, Igrejas antigas, escadarias, monumentos). Tem lindo amanhecer, belo pôr do sol, litoral privilegiado, perto do frio das montanhas de Domingos Martins (calor e frio são vizinhos), Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas” (Mucane), Terceira Ponte. Banda de Congo das Paneleiras de Goiabeiras e Banda de Congo Amores da Lua, de Santa Marta, ambas com toadas compostas em homenagem a santos e com temas como o mar e o amor. Nosso diferencial: a “Casaca”.

As panelas de barro, fabricação artesanal das tradicionais paneleiras, são as melhores para preparar a famosa e saborosa moqueca capixaba. Temos também a gostosa torta capixaba.

Vitória é também dos que adotam nossa terra e dos turistas que nos visitam o ano todo, pois a capital capixaba abraça a todos com sua versatilidade turística, cercada de beleza por todos os lados. E somos um povo hospitaleiro.

Os mineiros são os mais frequentes turistas e muitos aqui fixam residência, como meu saudoso pai e meus primos.

(Interessante: papai adotou as nossas gírias, como ponga ao invés de carona).

A rede de Supermercados BH comprou a Rede de Supermercados Epa e o Mineirão Atacarejo. De mineiro para mineiro. Ué, nem os supermercados mineiros resistem aos nossos encantos!

Áreas verdes: o maior e mais antigo, Parque Moscoso (nosso “Parque Gostoso”), Parque Municipal Horto de Maruípe (um dos mais tradicionais, belo cenário preservado da Mata Atlântica, onde o verde se mistura com o colorido das diversas espécies de bromélias), Parque Pedra da Cebola, Parque de Barreiros, Parque da Fonte Grande e Gruta da Onça.

Praça 8 de Setembro (a Praça 8), Praça Costa Pereira, Praça dos Namorados, Praça dos Desejos, Praça da Ciência e Praça São João Paulo II.

Algumas alcunhas em homenagem a Vitória: Cidade Presépio, Guanania para os indígenas, que é Ilha do Mel, em português, Cidade Sol, Cidade Menina, Ilha Azul, Cidade Teiteia, Vix e Vitorinha.

Vitorienses divulgam nossa terra: Cacau Monjardim: “Moqueca só capixaba, o resto é peixada”. Carmelia Maria de Souza: “Esta ilha é uma delícia”. Eu afirmo sempre: “Vitória é uma cidade tão bonita que nem o sol nos abandona”.

Papai, mineiro que viveu em Vitória, em 1954 declarou ao jornal A Gazeta, inclusive com sua foto publicada: “Vitória só tem duas estações: Verão e vento sul”.

Homenagens ao Estado (incluindo Vitória): Ziraldo: “O Espírito Santo é o ateliê das esculturas de Deus”. Serafim Derenzi: “O Espírito Santo é o maior pequeno Estado do mundo”. Ariosto Espinheira: “O Espírito Santo é o mais brasileiro dos Estados, é ponto de encontro do espírito de ação do Sul e do sentimento

poético do Norte”. Cacau Monjardim: “O Espírito Santo é porta de saída para o mundo e de entrada do mundo para o Brasil”.

Saudosos carnavais antigos: só se chamava “Seu guarda, põe pra fora esse moço, que tá no salão brincando com pó de mico no bolso”. Carnaval nas praças 8 e Costa Pereira, com marchinhas e sambas, cujas letras eram crônicas do cotidiano. “Blocos de sujo” desfilavam entre as duas praças.

Em 1955, foi inaugurada a estátua de indígena, apontando a flecha para a entrada da Baía de Vitória, entre o Morro do Penedo e o Morro do Forte São João. Com a construção da Av. Beira Mar a estátua foi guardada no depósito da Prefeitura. O povo batizou como Araribóia. Em 1963 a marchinha “Bota o índio no lugar” foi a mais cantada nas ruas e nos clubes, superando as cariocas, moda da época. Araribóia foi recolocado em seu lugar de origem.

Carnavalescos tradicionais: funcionário da Santa Casa, a brincar sozinho, bebendo só água e funcionário do (antigo) SAPS que se enrolava em um lençol branco como se fosse fralda, lambuzava com abacate (seria o cocô) e tinha uma mamadeira. Com leite? Não, era com cachaça. Ambos, moradores de Santo Antônio.

Vitória é brindada com a vista do Penedo e do Convento da Penha em Vila Velha, do Monte Moxuara em Cariacica e do monte Mestre Álvaro na Serra.

Vitória, delícia de ilha, era calor o ano todo. Chovia, esfriava pouco, mesmo no inverno. Até que, apreciando as nossas belezas, o inverno resolveu ocupar o seu espaço. No último inverno, senti tanto frio que desabafei com a trova:

É, magoei o calor.

Meu calor, peço desculpas.

Por favor, volte pra mim,

Aceite minhas escusas.

Oito de setembro, Dia da Cidade. Em 1967, alegria dupla para mim: nascimento de meu filho primogênito.

Amo a minha terra natal, ser capixaba da capital é o meu orgulho. Saudoso Marien Calixte, completo seu dito:

Viver é ver Vitória,  
E em Vitória morar.  
Rio, Cidade Maravilhosa?  
Vitória, Cidade Formosa!

## DIAS DE FEL

**Alex Krüger**

Cantor, compositor, violonista e poeta.

Os dias percorrem dias de fel  
os caminhos ficaram estreitos e cegos  
a poesia ficou pálida, aflita...

almas vestem lutas de vermelho sangue  
bocas se abrem nuas, inexatas  
palavras nascem frias em silêncio

o mundo sopra o chão dos imbecis  
a raça é pedra, surda, calada  
o vinho que era nobre morreu cinza

o tato calou o abraço  
o sangue turvo não é negro  
a bala que não é doce  
mata sem dar espaço

os laços se escondem no brilho da noite  
o beijo indefeso, compila tardes da primavera  
e uma fenda se abre em meu coração.

## O TREM

**Amélia Schultz Zager**

De Afonso Cláudio/ES e descendente de pomeranos. Presidente da ALAC SMJ com publicações diversas, textos em jornal local e cordéis coletivos.

Entre idas e voltas  
O soar intensos das trilhas  
Cambaleante a tontas  
Os vagões do trem a milhas  
Sim carregando minério  
Nas colinas há mistério  
O trem Vitória Minas  
É o trem de ferro  
Leva por muitas léguas  
São os mistérios da terra  
Como no oceano das águas  
Transportando riquezas  
Falo sim de proezas  
Sem me esquecer das mágoas  
À graça vai ao Porto  
De acordo com a embarcação  
Estou de acordo  
É justo, a alegria da nação  
Só pra lembrar  
Posso não te falar  
São os batimentos do coração  
Como fumaça no ar



A poeira a desenhar  
As ondas do mar  
Na área a sereia a cantar  
Leve como plumas a voar  
A contar muita história  
Assim é viver e ver Vitória

# SE VIVER É VER VITÓRIA... EU VI E VIVI!

## **Anaximandro Amorim**

Advogado, professor e escritor. Mestre em Letras (Ufes). Membro da Academia Espírito-santense de Letras, da Academia de Letras de Vila Velha e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

“Se viver é ver Vitória, eu vi e vivi”.

A frase, que mais parece de um forasteiro, é minha, mesmo! Capixaba nascido no continente (Vila Velha) e criado na ilha (Vitória), ou seja: “da gema”, duas vezes! Brinco que estou no Espírito Santo há, pelo menos, uns 300 anos! Não, leitor(a), não sou assim tão velho! É que descobri que os meus já pisavam o solo espírito-santense faz tempo, o que, acho, me faz “da gema” umas três vezes! Tenho orgulho desta terra, mas, antigamente, havia uma coisa que eu não tinha: conhecimento. Assim, nas minhas épocas de garoto (tanto tempo não faz, hein!?), tomei uma decisão: “turistar” no Espírito Santo!

Andei “pra cima e pra baixo”, como se diz por aí, mas, como eu preciso falar de Vitória, então, vou me ater à ilha. São só 89km<sup>2</sup>, o que parece pouco, se você parar para pensar em termos matemáticos. Felizmente, algarismo algum dá conta do simbólico: nossa capital, uma das mais antigas do Brasil, com seus 472 anos, já não guarda o casario, exceto duas casas, atrás da Catedral. Ainda me lembro de ter ido a uma, que hoje abriga o Iphan. À época, achei que o local tivesse algum programa de visitação, mas, infelizmente, não tem. A beleza da fachada já compensa a ida, pelo menos!

A Catedral, também, é digna de nota: projetada pelo arquiteto ítalo-capixaba André Carloni onde havia uma igreja jesuíta, tem estilo “neogótico”, lindos vitrais e duas curiosidades: uma cripta, onde, aliás, está sepultado o primeiro presidente

da Academia Espírito-santense de Letras, Dom Benedito Paulo Alves de Souza, bispo diocesano, além de mais dois; e uma estátua, que, na verdade, não existe. Fruto de quermesses e mais quermesses, o templo levou mais de trinta anos para se erguer e, até hoje, não conta com este detalhe, no que ele continua incompleto!

Sim, tenho verdadeiro xodó para com o Centro Histórico, com suas tantas igrejas (Carmo, Santa Luzia, São Gonçalo, Rosário), testemunhas de uma época de potência da fé católica (a Mitra está, também, por lá), mas não é só ali que há o que se ver: Santo Antônio, com sua Basílica e seu entorno, onde se pode encontrar o cais do hidroavião e uma orla belíssima, que também banha a Ilha das Caieiras, com gosto de moqueca (porque o resto é peixada!). Aliás, falando em moqueca, tem o Bigode, no Jesus de Nazaré, com vista para o mar de tirar o fôlego; e as Paneleiras, circundadas por um mangue navegável e lindo, pertinho da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Tem é coisa para se ver, em Vitória! Locais como o Teatro Carlo Gomes; o Parque Moscoso; a Gruta da Onça; o Mirante da Fonte Grande; museus como o Maes (Museu de Arte do Espírito Santo Dionísio Del Santo), do Pescador, do Negro (Mucane) e, claro, o Palácio Anchieta, ao lado da sede da Academia Espírito-santense de Letras. O palácio era a antiga Igreja de São Tiago, onde há, até hoje, o túmulo simbólico de Santo Anchieta e várias exposições e visitas guiadas. Foi ali que o rapaz perguntou para mim: “Mas você é de onde?” e se espantou quando eu disse que era daqui. Mas, espanto, mesmo, foi um motorista de Uber, recém-chegado do Rio e apaixonado por nossa cidade, claro! Da origem até o destino, fiz questão de lhe explicar todos os pontos históricos e turísticos que eu conhecia e de que eu me lembrava. No final da corrida, agradecido, ele me perguntou: “Caramba, você sabe tudo, né?”

Pois é!

## VIVER É VER... A MÚSICA!

### **Andressa Zoi Nathanailidis**

Natural de Vitória. Professora do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. Doutora em Letras (habilitação em Estudos Literários). É autora dos livros *Achilles Vivacqua: vida e obra* (2008), *ζωή [vida]* (2014), *Song of the Displaced: Rap and Migration in Globalized Times* (2018) e *Ponto Cruz* (2019).

Das memórias de minha infância, ressoa um mantra vindo de minha mãe “ O tempo não passa, nós é que passamos pelo tempo”.... Talvez só agora, tempo em que olho para trás e percebo a rotunda e pesarosa ausência de tantos- de minha mãe, inclusive- para mim e para os outros, isso comece a fazer um profundo sentido.

Dentre as cenas que me despertam e transportam ao tempo passado, está a de uma amizade entre um jovem violinista, meu irmão Hariton Nathanailidis, e um veterano da cultura, Marien Calixte.

Hariton, desde a infância, consolidou-se como um grande violinista. Criança prodígio, cujo talento fora reconhecido por tantos, nacional e internacionalmente, tornou-se um “nome de peso”na música capixaba. Quando criança e adolescente, estive na plateia de muitos concertos organizados na “ilha do mel”. Foram tantos solos, seja com a orquestra sinfônica ou com a banda da polícia militar. Quando acabava, os amigos presentes se dirigiam à beira do palco para alegres cumprimentos. Dentre eles, um sorridente senhor, que mais tarde vim a saber tratar-se de Marien Calixte, sempre me chamava a atenção. Nunca perdia um concerto. Seus abraços, em meu irmão, vinham sempre acompanhados de uma afirmação: “Eu não poderia faltar, deixar

de ouvir esse violino mágico, maravilhoso”. Depois de meus pais, talvez Marien tenha sido o fã número um de meu irmão.

Autor da célebre frase, “viver é ver Vitória”, Marien via não apenas os encantos paisagísticos da ilha, como também todo seu potencial artístico. Não apenas via, mas incentivava e divulgava o trabalho dos jovens artistas de então. Hariton era um deles.

Quando lançou seu primeiro CD, “Música Brasileira Contemporânea para Violino” (2000), Marien “apareceu” com uma série de três quadros que retratavam a imagem de um violinista e pediu para que Hariton escolhesse um. Tendo sido presenteado com a tela escolhida, Hariton decidiu que aquela seria a imagem que ilustraria a capa de seu CD. A segunda tela foi adquirida pela então diretora da Faculdade de Música do Espírito Santo, Natércia Lopes, e até hoje decora o interior da instituição.

Algum tempo depois, quando Hariton gravou com Maurício de Oliveira o CD Luísa, Marien esteve presente mais uma vez, desde a pré-produção. Participou das gravações, no estúdio, em Jardim da Penha, realizando o registro todo o registro fotográfico. Sua participação também marcou o texto de abertura desse CD. Sobre a parceria e integração entre os músicos, discorreu Marien: “Maurício de Oliveira e Hariton Nathanael já foram chamados de prodígios. A maturidade, agora, dispensa o título, pois a consagração de seus talentos está justificada. Surgida a oportunidade, não se deixou que se perdesse. Tantas vezes se encontraram no caminho da boa sorte, e agora, delicada mágica do destino, ei-los, um diante do outro, trocando reverências num estúdio de gravação, em Vitória, a cidade que identifica seus corações”(LUIZA, 2006).

A sensibilidade de Marien transpunha as fronteiras, inclusive da idade. Foram muitos os finais de semana em que ele e sua esposa, dona Terezinha, convidaram meu irmão para ou-

vir e conversar sobre música, mais especificamente jazz e música erudita. Marien possuía um estúdio com milhares de discos, ficava no andar de cima de sua residência. Hariton voltava de lá quase sempre carregando um origami, feito pelo amigo. Marien foi também um dos principais incentivadores de meu irmão, diante da decisão de realizar uma pesquisa sobre outro célebre violinista da música brasileira: Fafá Lemos.

Em conversa com meu irmão, há poucos dias, ele me disse que Dona Terezinha o convidou recentemente para retomarem as edições do Vitória Jazz Festival; evento importante, organizado por Marien, que em várias edições, trouxe a esta ilha profissionais respeitados no mundo do jazz e da música instrumental.

Se “o tempo não passa e nós é que passamos pelo tempo”, permanece a consciência dos registros positivos que fazemos enquanto cidadãos. Este texto busca registrar a nobre presença de um intelectual que passou pelo tempo, vendo Vitória em amplitude e riqueza, também pela lente das artes. Marien amava as artes e foi um grande divulgador da música capixaba. Acreditava na potência artística desta ilha, potência esta por vezes tão esquecida e desvalorizada pelas autoridades e políticas públicas.

Que a trajetória de Marien inspire outros homens! Que “passem pelo tempo”, unidos na construção de uma História mais sensível e humana!

## VITÓRIA SOB UM OLHAR GLOBAL

**Ângela Sipolatti Ortelan**

Professora. Descendente de italianos, casada e mãe de dois filhos. A leitura e a escrita estão entre suas maiores paixões.

Vitória, cidade litorânea  
Que em sua enseada  
Abastece àqueles  
Que aqui passam  
Uma temporada.  
Além de ser um município,  
Também é a capital  
Trazendo inovações  
Num seio cultural.  
No coração do município  
Há o Parque Moscoso  
Que antes estava  
Desabonado,  
Hoje lá se encontra  
Primoroso.  
Nos arredores se vê  
Muita história,  
O povo indo e vindo  
Que em sua trajetória  
Tem muita prosa.  
Sobre esse pedaço de chão  
Que coleciona e inspira  
Pessoas por todo o Estado,

Que aqui vêm ou  
Somente tem passado.  
Vitória, que em sua maestria  
É fonte inesgotável de fatos  
Como na Assembleia Legislativa,  
Espaço datado desde 1834  
E que muitos não sabiam.  
Seja para um mandato  
Ou para uma legislatura  
Eis que ali também está a tribuna.  
Não podemos esquecer a  
Querida Vila Rubim,  
Que em seus anos afins  
Tem comerciantes espalhados  
No bairro, por todos os lados.  
Vê-se desde um armarinho  
Até o mercado de peixe.  
Hoje parece esquecida,  
Próxima à rodoviária  
Mas antes, benquista.  
Em relação à cultura  
Vale passeios e uma varredura  
Por todo o cenário cultural  
Que pulsa reinante em apresentações futuras.



## VONTADE DE VITÓRIA

### Anne Mahin

Nasceu em Cambuquira, MG, mas reside em Guarapari há quatro décadas. Analista II efetiva do Tribunal de Justiça do Espírito Santo, lecionou Literatura durante dez anos, tem quatro livros publicados e trabalha na elaboração de mais dois (um de poesia e outro de contos).

Minha prece,  
por conta do encanto,  
tanto me alcança na fé;  
orgulho  
que enche o peito,  
mergulho  
em alta maré.

Tudo se faz com jeito  
de querer  
e benquerer;  
um sonho, segredo...  
o medo  
de não tentar e perder?

O canto,  
a prosa, um verso  
da história  
vista p'ra o mar,  
da poesia em cidade,  
na cor de céu, azul-lar.

Da ilha,  
saudade de filha,  
dessa terra-mãe doce  
memória.

Ah, minha verdade  
é a vontade  
de bem viver.  
– Só em Vitória!

# VITÓRIA É UMA PONTE

## Annie Cicatelli

Jornalista diplomada pela Ufes, exerceu a profissão em Vitória durante quase 20 anos, antes de voltar para a França onde trabalhou durante mais de 30 anos na Rádio França Internacional. Hoje se dedica exclusivamente à criação têxtil.

Caro amigo,

Que bom poder ver tanta gente, acompanhar a vida de tantas pessoas que fazem parte da minha estória, mas que não vejo há tanto tempo! Felizmente, hoje temos as redes sociais para manter contato!

Há muito tempo não vou a Vitória. Não é vontade que falta, simplesmente oportunidade.

Vitória estará para sempre ligada à minha vida. Vitória é meu passado. Construí minha vida sobre essa estória, Vitória é minha raiz.

Mas minha Vitória parou no tempo, as minhas lembranças são muito antigas, de uma época sem computador, sem redes sociais, sem celular.

A minha Vitória, a imagem que guardo, ainda é aquela da *máquina* de escrever, do telefone com fio, do caldo de feijão no posto da ponte de Camburi, da churrascaria da ponte da passagem... Da Terceira ponte que não era ponte, da Praia do Canto que não era mais canto porque tinham construído a ponte de Camburi. Minha Vitória é aquela da praia das Castanheiras, quando a gente passeava na calçada e na beira do mar. Minha Vitória é aquela da Vila Rubim, onde o mercado era uma real atração, com produtos variados, legumes, verduras e frutas, com vendedores de panelas, de produtos para afastar

mau olhar ou atrair um novo amor...

Minha Vitória é tão diferente de hoje que, uma vez, de férias depois de vários anos longe do país, consegui me perder na rua Afonso Cláudio, na Praia do Canto! Durante alguns segundos, não sabia mais onde estava! O que tinham feito com a minha ex-cidade!!!! Com meu passado!!!! Onde estavam aquelas antigas casas e quando tinham construído todos aqueles espigões???

Minha Vitória é também aquela das redações de jornais que já não existem: a do jornal O Diário, lá em cima da rua Sete; a do jornal A Gazeta, na General Osório. Dois locais que hoje fazem parte do folclore capixaba, do folclore jornalístico, como o Britz, o bar do centro da cidade, local de encontro de jornalistas, artistas e boêmios.

Minha Vitória é aquela das pessoas que não são mais, mas que para mim ainda estão presentes: Carmélia M. de Souza, Cláudio Bueno Rocha, Luiz Eduardo Nascimento, Cícero Peixoto, Milson Henriques, Amylton de Almeida, Paulo Vaz, Marien Calixte...

Minha Vitória é uma eterna saudade, uma ponte dirigida a lembranças que só a mim pertencem...

Mas minha Vitória me traz também uma certa decepção. Aquela lembrança de ter sido denunciada no Ministério do Trabalho e por isso ter perdido meu registro de jornalista, pelo simples fato de ser estrangeira. Mas isso sem dúvida é o que acontece com todo casal, entre dois seres que se amam, sempre um decepciona o outro, e com o tempo a gente acaba quase esquecendo, acaba minimizando o fato, apagando a dor para lembrar somente das coisas boas.

Boas como os bailes que a gente organizava na Cooperativa dos Jornalistas, “como nos bons tempos”... Tenho ainda alguns cartazes dessa época, que sempre olho com carinho, re-

lembrando de uma equipe unida, feliz em estar ali trabalhando num projeto comum. Boas como amigos que aí deixei, que farão sempre parte da minha vida, que fazem parte da minha “ponte”... Como se diz, somos o resultado de tudo que fizemos: do que bebemos, comemos, lemos e das pessoas que amamos.

# JOÃO E MARIA DO MORRO

## **Antonio da Silva Pereira Neto**

Professor de Língua Portuguesa. Membro da Academia Marataizense de Letras e da Academia de Letras Artes e Cultura de Santa Maria de Jetibá.

Vitória foi erguida sobre ilhas. Sob aterramentos a cidade foi se expandindo, dominando o mar e os manguezais.

A especulação imobiliária empurrou os pobres para os morros. Os migrantes pingavam, iam ocupando as encostas perigosas e traiçoeiras.

Judith era filha de migrantes baianos que vieram tentar a sorte na capital capixaba. Os velhos pais, depois de aposentados, resolveram voltar para a Bahia. Ela escolheu ficar em Vitória, onde fora criada. A sua herança seria o barraquinho no qual a família vivera por tantos anos. Ela sonhava em trabalhar muito, ganhar dinheiro para derrubar o casebre de madeira e construir uma casa de alvenaria, com laje!

Sozinha, pôs-se a trabalhar como vendedora no comércio da Vila Rubim. Lá, ela conheceu Aparício. Um estivador. Ele também era baiano. Morava em um cortiço. Conversa vai, conversa vem. O primeiro beijo. A primeira noite de amor no barraco onde as tábuas rangiam...

Aparício ficou morando com Judith. Era trabalhador. Meio chegado na cachaça, mas trabalhador.

Veio o primeiro filho. Era homem. João Carlos.

Dois anos depois, a segunda gravidez. Nascia Maria Eduarda.

Agora, mais que nunca, Judith sonhava com a casa de alvenaria para proteger os filhos, dar-lhes segurança e paz. Ela se desdobrava. Além do serviço como atendente de loja, fazia

bolos e doces que eram vendidos para os moradores do morro. Era um sacrifício danado, deixar os filhos na creche e batalhar como um titã para nada faltar em casa. Aparício, a cada dia, afastava-se do trabalho e se aproximava dos bares, onde a cachaça comprada ou ganhada nunca faltava.

Assim não dava! Se fosse para ser viúva de marido vivo, que ele fosse embora. Não precisou falar duas vezes. Ele foi mesmo. Sem se despedir das crianças, que não entendiam o que acontecia.

Abandonada, Judith trabalhou dobrado. De tanto trabalhar, descuidou-se da saúde. Descobriu, tardiamente, uma cardiopatia. Foi para o INSS. Mal aguentava varrer o barraco. O dinheiro da Seguridade Social impedia que passassem fome.

Como construir a casa de alvenaria? Não conseguia nem fazer os urgentes reparos no barraco de madeira...

Com muita dificuldade, continuou a fazer os seus doces e bolos. Os filhos, já crescidos, tinham boa vontade e queriam ajudar a sofrida mãe. Então, todas as tardes, depois da escola, João e Maria percorriam o morro oferecendo as guloseimas. Só que o povo dali tinha muita compaixão, mas pouco dinheiro. Assim sendo, os irmãos decidiram descer a escadaria e oferecer os doces caseiros nas avenidas movimentadas da cidade.

No primeiro dia no asfalto, tiveram muita sorte. Venderam tudo em pouco tempo e voltaram com um dinheiro que deixaria a mãe contente. Infelizmente, quando começaram a subir a escadaria, um grupo de meninos mal intencionados os interceptou para roubar o dinheiro arrecadado. Sem nenhuma experiência em briga de rua, os dois irmãos apanharam muito, porém não entregaram o dinheiro de jeito nenhum. Populares, apiedados, fizeram a briga cessar e expulsaram os garotos malfeitores. Sangrando, com hematomas e com as roupas rasgadas, os irmãos chegaram em casa e acalmaram a mãe que se desesperou ao ver o estado dos filhos.

Judith pensou em impedir os filhos de continuar com a venda dos doces nas avenidas. Todavia, a necessidade batia à porta. Ela, então, os aconselhou a sempre descerem a escadaria com um adulto conhecido e só empreender a subida, novamente, quando aparecesse algum amigo da família. Assim faziam todos os dias.

O tempo passou. Os filhos de Judith não abandonaram a escola. O buço de João a cada dia ficava mais espesso, a voz ficava mais grave. Os seios de Maria despontavam na blusinha do uniforme.

Eles passaram por muitas dificuldades. Recusaram os convites advindos do tráfico de drogas. Resistiram às investidas de cães furiosos e de bad boys de bairros ricos que buscavam sacos de pancadas nas ruas da cidade. Ficaram conhecidos na região como João e Maria do Morro Jesus de Nazareth, ou simplesmente, João e Maria do Morro.

Anos depois, a cada tarde, ao subirem a escadaria, admiravam a casa de alvenaria que o trabalho de mãe e filhos conseguiu erguer. De cima da laje, feliz, Judith podia acompanhar a ascensão dos filhos. Não só na escadaria, mas na vida também. Ela sabia que eles estudariam e poderiam ter uma vida de horizontes tão amplos quanto a vista de cima do morro.



## MÃE DO MAR

**Bárbara Gozzer Machado**

Estudante do 9º ano, 14 anos de idade, escritora, integrante da ACLAPTCTC e do Coletivo Diversidade Literária.

Há muito tempo, numa noite de neblina densa, onde não era possível enxergar nem a estrela mais brilhante do céu, pescadores velejavam por todo o mar de Camburi, com seus barquinhos pintados das cores mais belas. Esses homens tinham como desejo mais profundo chegar bem em casa, cada um carregava a foto de sua família no bolso da camisa, dependiam dos frutos do mar para sobreviverem, precisavam da água salgada batendo em seus pés para se sentirem completos.

Havia algumas semanas que a pesca era fraca, quase nenhum peixe era capturado pelas redes de pesca. Aquela neblina não colaborava para que a luz da Lua iluminasse a noite e os pescadores visualizassem a água do mar. Depois de muitas tentativas, desistiram. Tinham esperança, mas ela diminuía a cada segundo, tudo parecia estar perdido.

Um dos pescadores já cansado, com seus braços doloridos de tantas vezes jogar a rede, foi em direção à praia, amarrou seu barquinho, e sentou-se sobre a areia. Derramava lágrimas de tristeza e desespero. Depois de muito chorar sentiu um toque de dedos finos em seu ombro, era sua esposa. A mulher consolava-o, mas sentia também um desespero imenso. De onde viria o sustento de tantas famílias de pescadores?

A mulher se levantou da areia úmida, deixou seu marido sozinho e caminhou pela praia, seus pés já estavam doloridos. Era madrugada, apenas ela, seu companheiro e pescadores insistentes continuavam ali. Ela andava como se não visse nem ouvisse ninguém, seu vestido estava com a barra totalmente suja de areia e seus dedos enrugados pela água. Em um segundo, num

ímpeto de desespero e agonia, ela se ajoelhou de frente para o mar, levantou seus braços, e com uma voz doce, invocou:

— Venha, minha rainha! Venha, mãe das águas! Traga sua beleza! Faça com que sua coroa ilumine as noites, que por onde seus pés passarem tenha fertilidade, que seu vestido cubra todo os nossos medos e desesperos, e que seus cabelos negros como essa noite tragam pureza ao nosso olhar. Venha Iemanjá!

A mulher era uma fiel devota da Umbanda. Tinha fé que as graças de Iemanjá trariam fartura aos oceanos e equilíbrio aos pescadores.

Três noites se passaram. Cada noite era mais fria, com mais neblina. Até que o mesmo grupo de pescadores foi tentar a sorte mais uma vez. Arrumaram seus barcos, posicionaram suas redes, mesmo sem esperança, mas persistiram na fé. Na primeira tentativa, puxaram as redes e se depararam com uma quantidade absurda de peixes, o bastante para abastecer vendas, peixarias e casas. Foram tantas redes cheias que os fios arrebentavam, uma fartura imensa de pescados.

A esposa daquele simples pescador agradecia imensamente a Iemanjá por ter realizado aquele feito tão grande, por ter trazido alimento e alegria àqueles homens. Mas, aquela mulher teria que agradecer a Rainha dos Mares, dar a ela um presente. Flores não a satisfariam naquele momento, velas também não. Depois de uma longa conversa com a Princesa dos mares, ela decidiu qual presente seria o melhor, para enfim agradecer por cada peixe capturado, cada rede arrebentada e cada lágrima derramada:

— Minha Rainha dos oceanos! Princesa dos mares! Tenha agora em seu leito um lugar para descansar seus pés, e compartilhar sua luz. Este Pier é seu lugar, para que acompanhe seus fiéis por toda essa Orla de Camburi e deixe que todos eles apreciem sua beleza.

Foi então que no dia 02 de fevereiro de 1988, Iemanjá saiu das águas, se ergueu no píer, ajustou sua coroa, abriu seus braços e ali descansa. Há trinta e cinco anos, abençoando cada pescador. Fez com que sua luz iluminasse não só Camburi, mas a ilha de Vitória inteira. Assim ela abençoa os mares e os peixes e traz equilíbrio a tudo que seus olhos alcançam. Cada sopro de vento, quando cai a escuridão, faz seus cabelos se movimentarem e assim toda Vitória abraça as noites com a proteção de Iemanjá.

## DOS LUGARES QUE PASSEI – CONTRASTES

### **Bartolomeu Boeno de Freitas**

Mestre em Artes, jornalista e editor da Revista SIM. Escreveu livros sobre Hermógenes Lima Fonseca, André Carloni, Augusto Ruschi, Espírito Santo e Vitória.

“Poucos sabem ir ficando num lugar até pertencer a esse lugar, e eu sei.” (José Carlos Oliveira, “Paris” - JB, 4/2/1964). Se sei tanto assim, como o nosso cronista, não sei. Não sou daqui, não nasci nesta cidade, tampouco sou como um marinheiro ‘passadiço’. O fato é que esta ilha me encanta. Tenho grande amor pela cidade e muito me orgulha morar aqui, embora tenha que admitir haver um quê de melancolia nessa minha afirmação. Explico.

Cheguei aqui aos 8 anos, vindo de Vila Pontões, zona rural de Afonso Cláudio, de onde guardo na memória muitos afetos, lugares e passagens da vida infantil. Vivo em Vitória há exatos 55 anos. Teria muito a exaltar a cidade; suas belezas naturais que se arranjam em toda a sua topografia; a baía, o porto, seu conjunto de praias; monumentos, edificações históricas, vias e praças. Afinal, são mais de 50 pontos turísticos. Contudo, flanando e caetaneando pelo Centro, ‘alguma coisa acontece no meu coração’. Da Vila Rubim à Cidade Alta e Beira Mar, ao passar por ali, me assaltam não somente os semblantes suplicantes dos que se acham em situação de moradores de ruas, mas também nostalgias que incomodam face à fisionomia da cidade. É que tenho desses locais ótimas lembranças e sofro com os contrastes entre a Vitória que vi, que curti, e a Vitória que vejo hoje.

Enquanto a velha ponte de ferro Florentino Avidos e a Ponte Seca, o Parque Moscoso, o Palácio Anchieta, a Catedral, o cais e

o Penedo resistem ao peso dos anos e intempéries, o mesmo não ocorre com o casario do Centro. Salvo exceções de prédios que foram restaurados, cenas urbanas da cidade são de arrearçar.

Sinistros edifícios vazios (que em 2021 foram contados em mais de 200) com as marcas do tempo congeladas em suas linhas arquitetônicas a ruir, trazem desalento e insegurança. Marquises que se tornaram canteiros de ervas e samambaias andam em franco risco de queda. Completam a melancólica paisagem pichações, garatujas e ‘assinaturas’ enigmáticas nas fachadas. A poluição visual toma os espaços dos prédios sem vida, sem ninguém. Todavia, painéis coloridos, aqui e acolá, vêm trazendo vida, reflexão e esperança que esta sim, a arte, propicia.

Em passado não distante, quando a vida pulsava na capital capixaba, esses edifícios abrigavam, além de moradores, hotéis, escritórios, grandes lojas de departamentos, escolas, boutiques da moda, padarias, farmácias, restaurantes, bares, bancos etc. Os transeuntes transitavam pelo centro em intensa movimentação, disputando os espaços com os carros e as filas intermináveis de ônibus no fluxo lento de longos engarrafamentos. Era assim enquanto se processava um grande êxodo, com o esvaziamento gradual da cidade.

Hoje, quem passa pela Enseada do Suá, lugar que vi crescer a partir do Aterro da Comdusa na década de 1970, admira-se diante de tantos prédios que ali se amontoam; edifícios futuristas, espelhados, como convém à arquitetura contemporânea para bem apresentar o novo eixo econômico da capital.

Voltando ao Centro, quando cruzo essas vias que passei tantas vezes quando estudava no Colégio Americano e das idas aos cinemas e ao Teatro Carlos Gomes; das paqueras na Rua Sete, ouvindo um disco novo no Golias, contemplando o vaivém dos catraieiros e dos navios no Porto; tomando um caldo no Ita, perto da Praça Oito junto a seu largo (com toda

a potência histórica ali plasmada; lugar de carnaval e também de grandes concentrações e gritos em defesa da democracia afrontada, naqueles anos também de medo e resistência) - impossível passar incólume ao contraste entre o que de bom que ficou pra lembrar e esses cenários de hoje.

Felizmente, como ocorreu na ação de recuperar prédios históricos, transformando-os em lugar de moradia popular – iniciativa que não deveria ter perdido fôlego - tem havido um esforço para a continuidade da revitalização do Centro. O fato é que Vitória merece uma política pública mais efetiva, ampla e rápida do conjunto de governos voltada para o restauro ou reforma de imóveis - antes que seja tarde - para a ocupação humana das centenas de espaços que poderiam servir a esse fim.

Vitória. Esse nome grita e remete a grandes conquistas. A revitalização em grande escala do Centro de Vitória, além de trazer dignidade e bem estar para muita gente, impulsionaria o turismo, faria justiça às gerações que a edificaram e ao próprio nome inspirador da cidade diante da iminência do contrário.

Deixar que o casario da cidade se reduza a um amontoado fantasmagórico de edifícios em escombros, ressaltando a impressão de abandono, será um ato extremo de negacionismo a tudo o que Vitória representa. Será um pouco caso com esse glorioso Porto, simbólico de origem, progresso e de tantas chegadas e partidas. E se assim for, com o tempo, vão se aniquilando também as memórias afetivas de seus cidadãos que não se sentirão daqui pertencentes, a exemplo do que queixa a tradicional cantiga folclórica do Marinheiro só. “Eu não sou daqui / Eu não tenho amor...”

# VIM, VI E VENCI

## **Brendda Neves**

Jornalista, escritora e poeta natural de Linhares-ES e membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras e da Academia Internacional de Literatura Brasileira, com sede em Nova Iorque.

Eu não nasci em Vitória, mas me sinto um pouco daqui. Vim para cá aos 18 anos, para estudar na antiga Escola Federal do Espírito Santo, hoje IFES. Vim de Linhares, junto com meus pais e meus dois irmãos. Vim com a esperança de um futuro melhor, de uma vida nova.

Vi logo que Vitória era uma cidade encantadora. Uma ilha cercada de belezas naturais, de monumentos históricos, de cultura diversa. Vi o Penedo se erguer majestoso sobre a baía, vi as pontes que ligam a ilha ao continente, vi as praias de Camburi e da Curva da Jurema, vi as ilhas do Boi e do Frade como sentinelas do mar. Vi também as igrejas centenárias, os palácios imponentes, os museus interessantes, os parques agradáveis. Vi tudo isso e me apaixonei.

Mas vi mais do que isso. Vi o povo de Vitória, que faz a cidade pulsar. Vi gente trabalhadora, gente alegre, gente hospitaleira. Vi gente que ama o samba, que espera o ano inteiro para ver a Unidos de Jucutuquara desfilar no Sambão do Povo. Vi gente que gosta de ir ao mercado São Sebastião comprar peixe fresco e moqueca capixaba. Vi gente que se diverte nas feirinhas dos bairros, comendo pastel e tomando caldo de cana. Vi gente que tem orgulho de ser capixaba.

Vim, vi e venci. Venci o medo do desconhecido, venci a saudade da minha terra natal, venci os desafios da vida adulta. Venci porque encontrei em Vitória uma segunda casa, uma segunda família. Venci porque aprendi a ver Vitória com os olhos do coração, a ver além das aparências, a ver a essência. Viver é ver Vitória, e ver Vitória é viver.

# MINHA ILHA TEM

## **Carlos Bona**

Natural do Espírito Santo. Graduação: Licenciatura plena em Desenho e Artes plásticas/UFES. Aposentado como professor do IFES. Cantor e compositor com foco na cultura capixaba. Acadêmico Honorário da ACLAPTCTC.

### **Minha ilha tem**

Autores: Carlos Bona & Fábio Pimentel

Minha ilha tem

O que as outras não tem

Vem pra cá amar o mar

Porque já é verão

Delirar ao ver e por

O pôr do sol nas mãos

Banhar o dia no litoral,

Viver Poesia em noites

Que não tem igual

Gente bonita, velas no mar,

Congo na areia

Moqueca cheirando no ar



## **Vitória, pedacinho do céu**

Autor: Carlos Bona

Ilha de Vitória  
Doce ilha do mel  
Minha fantasia  
Pedacinho do céu  
Praça dos Desejos  
Eu quero namorar  
Do mar, eu ganho um beijo  
Com a lua vou sonhar

Lá da Fonte Grande  
Eu vejo um paraíso  
Se Deus me deu tal joia  
Sem essa joia eu não vivo

Curva da Jurema  
O sol nasce por lá  
Meu verso. Meu poema  
Enseada do Suá

Recantos, encantos  
Praias, colinas  
Minha Cidade Presépio  
Minha Cidade Menina.

## **Minha Camburi**

Autor: Carlos Bona

Minha Camburi

Como você é tão bonita

Sempre peço bis

Quando eu entro em sua vida

Gente, lua, mar, quiosque, bar

Beijos, carícias

Difícil descrever tanta beleza

Delícias

Linda Camburi

Sol da manhã, muita energia

Praia, calçadão e a gratidão por mais um dia

Junto a você somos iguais

Mil fantasias

Paz no coração, uma canção

Magia

Quero entrar na onda que você fizer

Me lambuzar no mel

E na loucura que vier

Quero você toda pra mim

Que me desculpem todos

Quero viver um amor sem fim

Momentos de prazer

O sol eu e você

A lua eu e você

# VIVER É VER VITÓRIA

**Carlos Nejar**

Escritor. Membro da Academia Brasileira de Letras e Presidente  
Emérito da Academia Brasileira de Filosofia.

“Viver é ver Vitória” foi um lema criado pelo saudoso Amigo, Poeta Marien Calixte. Lembro que, ao morar em Vitória, neste Espírito Santo, com um Vento que então me trouxe do Minuano gaúcho, fui entrevistado por Marien e referi não só a beleza da terra, como à gentileza de seu povo.

Vivi entre idas e vindas do Rio de Janeiro, em Vitória, fui eleito para a Academia Espírito-santense de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico, casei com a capixaba Elza Mansidão ou dos Pássaros, escrevi, entre tantos livros, minha “Idade da Aurora, ou Fundação do Brasil”, rapsódia nascida em contato com o esplendor da “Ilha de Mel”, como se encontrasse o Brasil da alma, aquele que se esconde nos recônditos da memória de versos e sonhos.

E não carecia nem da imaginação da linguagem, quando era a imaginação da natureza, em torno, que me inventava.

Hoje não moro em Vitória, onde vivi de vê-la. Todavia, há amigos que me povoam, os que se foram e os presentes. São muitos para citá-los e posso num senão esquecer a alusão do nome. Não importa, eu os reconheço na memória. E os abraço nas minhas palavras. Há inclusive um Instituto Cultural que me recorda: o tempo não sabe de nós, mas nós sabemos do tempo. E parafraseando Guimarães Rosa, o que se viveu, já se encantou.

## É PRA VER DE DENTRO

### Chico Neto

Jornalista. Formado pela Federal de Juiz de Fora, iniciou em Vitória com passagem por A Tribuna, A Gazeta e emissoras de televisão. Vive em Brasília, onde atuou no Jornal de Brasília e Correio Braziliense. É um dos editores do portal de notícias do Governo do DF.

Chamar Vitória de cidade-presépio é uma sacada arguta e amorosa, como são os olhares pescados pelo destino para o amor à primeira vista. A ilha abraça o coração da gente vista de qualquer posição, mas principalmente de dentro.

E foi assim que, lá pelo início dos anos 70 do século passado, quando eu tinha umas 12 voltas ao redor do Sol, Vitória estava em modo cupido quando meu olhar passou e foi imediatamente flechado. “Vou morar aqui”, me disse, com todas as letras, meu coração.

Anos se passaram, e, jornalista recém-formado, de braços abertos para abraçar o que já me abraçara, migrei para Vitória. Corria o início da década de 1980, quando a ilha se despedira há pouco da Praia do Suá, que virou aterro, e da Praia Comprida, que formava a Praia do Canto propriamente dita e teve o mesmo destino. Aquelas paisagens, não teríamos mais. E a cidade seguiu crescendo.

Lembro-me quando estava sendo alargado o então aterro da Comdusa, na Praia do Canto, enquanto a ponte de Camburi também passava por obras para ser ampliada – era pequena, estreita, e Camburi, uma praia gostosa. Bem, isso ficou no passado, mas pelo menos passar por ali presenteia nossos olhos com um mar ainda bonito de se ver, a calçada larga para que a vida possa ser celebrada por tantos quantos queiram passear à beira-mar, o ar de ser & estar em Vitória.

No calendário de minha vida, Vitória é um arquipélago de, mais que lembranças, vivências inapagáveis. Tudo a ver com a geografia única da cidade recortada por morros, tentaculada em direção a um monte de bairros que já foram ilhas ao redor da ilha-mãe. Hoje são apenas nomes como Ilha de Monte Belo, Ilha de Santa Maria, Ilha do Príncipe. Mas a cidade segue sendo ilha, graças a Deus.

Da Redação de A Gazeta, onde trabalhei durante bons dez anos, me chega viva a lembrança do apito e a visualização do gigantesco navio entrando na baía de Vitória. Parecia que a embarcação estava ali conosco, à margem. Aquela região que circundava a empresa, aliás, era uma ilha onde até a metade dos anos 80 ainda sobreviveu um canal com canoa e tudo.

E Vitória segue acolhedora. Tem pegada aos sentidos, em cada canto. O velho Centro, que no início deste século já começara a ganhar bom trato, permite respirar um tanto da história que compõe uma das capitais mais antigas do Brasil, ao mesmo tempo que desfia sob nosso olhar a vida que rugiu antes, durante e depois do rush.

Degrau a degrau da escadaria que dá no Palácio Anchieta, visualizar o porto ainda traz de um gole só o gosto da precisão do slogan “Viver é ver Vitória”, que Marien Calixte criou nos anos 60.

Do túnel do tempo onde reluzem os personagens mais interessantes da história capixaba, Marien é presença bem-marcada na história dessa cidade – tecida, sobretudo, de um jardim de criaturas encantadoras, distribuídas pelos seus 472 anos de fundação.

Tentar citar, mensurar as pessoas que compõem o que de Vitória há de melhor seria tarefa mais apropriada para a ia, a inteligência artificial, que já está aí exercendo capacida-

de de reproduzir, inventar, solucionar & problematizar, criar mundos inteiros. Menos aqui, que sou dos tempos da caneta e dos teclados vertendo o que o coração manda pela circulação sanguínea.

Cada canto da ilha tem a vibração dessa gente que faz sua parte no presépio. Do Centro, especialmente, isso se pode ver muito pela Cidade Alta. Vitória tem ruas que serpenteiam acima rumo a qualquer coisa que, de alguma forma, vai trazer um pedaço de boa vista de presente para quem chegou.

Muito caminhei pelo Centro durante os 15 anos e meio vividos em Vitória, desde o tempo em que a rodoviária funcionava em prédio pequeno, perto do Parque Moscoso. E percorri inúmeras vezes, de ônibus e de carro, a avenida Carlos Lindenberg, quando Vitória ainda não tinha aberto seu braço para Vila Velha por meio da Terceira Ponte.

Subindo por Santo Antônio na sequência de um desses serpenteios de vias urbanas, você pode tomar um dos caminhos que, passando por São Pedro, desemboca na Ilha das Caieiras. Mas antes, gente boa, dê um jeito de ir ao morro da Televisão, onde há uma antiga antena e um dos mirantes que descortinam uma vista arrebatadora da capital capixaba.

Parada seguinte, Ilha das Caieiras, inclusive para saborear mariscos. É ali que, apesar do adensamento, ainda está disponível o direito de a gente se sentir em uma cidade pequena, rodeada pelo mar, onde o tempo, ah, o tempo pode vir leve, que será saboreado com gratidão pela vida.

Um dia saí de Vitória, e, para celebração de todas as minhas realidades internas, Vitória nunca saiu de mim. Para além da retórica, viver em Vitória é fazer metástase do aprendizado de que sonhos existem para ser gestados e vir à tona, passando a integrar o pacote do bom da vida sob o céu que nos protege.

## O DENTE VIDENTE, VOVÓ CHICOLA

### **Deane Monteiro Vieira Costa (Tiana)**

Historiadora, professora doutora e poetisa social de si, que abusa da primeira pessoa do singular para construir a sua literatura marginal e terapêutica.

Nem todos vivem por conta de suas vitórias. Mas, acredito que para viver é preciso projetar vitórias. As vitórias e as derrotas que me habitam passam por uma cidade de nome Vitória, num estado em que não nasci. E tudo começou no ano de 1981, apesar de ter nascido em 1976. Com apenas 5 anos, já sabia ler e escrever algumas palavras, cantava alguns trechos das músicas que aprendi na rádio-poste da cidade em que nasci, Itarema. E, dentre essas canções a que eu mais gostava era “Baila comigo”, eu nem imaginava quem seria a cantora. Por meio daquela rádio, também guardei, em minha memória infantil, por conta das notícias do Brasil narradas pelo radialista que o presidente do meu pai era um tal “Figueiredo”, “um general”.

Minha mãe estava grávida do seu quarto filho ou quarta filha. Só no dia do parto é que ela saberia. E, num ônibus velho, branco e vermelho, sem nenhum conforto, aquela mulher, no alto de seus oito meses de gravidez, juntamente com suas três filhas de 7, 5 e 3 anos, partiram para um novo estado para ir ao encontro do pai de suas filhas ou filhos, tendo um por ainda nascer. Tereza rezava que fosse um menino para alegrar a masculinidade do meu pai. E isso fala muito sobre a estrutura psíquica patriarcal de nosso povo e país.

A viagem durou três noites e quatro dias. Pensem comigo, o que uma mulher, que já se aproxima de dar à luz a uma criança, poderia ter feito para conter a energia de suas três filhas, num ônibus cheio de estranhos, com os olhos marejados de saudade de seus parentes, de sua cidade, de sua gente, e com a impotência diante do novo?

Mulheres e suas histórias são como paraísos perdidos. Minha mãe é uma potência sussurrada até hoje, nos seus 76 anos. De modo que, para transcender a agonia daquela barriga grande, do sono em vertigem e da necessidade de cuidar de suas três filhas muito despertas, Tereza vestiu suas filhas com o mesmo conjunto de camisa e de short, o que apenas variava era a cor do desenho da bola de futebol. Na filha de 7 anos, a bola era na cor vermelha, na de 5 anos era verde, e na de 3 anos era amarela.

Tereza, uniformizou as suas crias para que elas pudessem ter um elo identificatório diante dos abismos do ato de migrar e, de hora em hora, acarinhava os cabelos delas para contar com suas mãos quantas cabecinhas estavam ali, junto da dela, mesmo que seus olhos estivessem fechados pelo cansaço.

Eu sou a filha de 5 anos que perdeu o seu primeiro dente de leite naquele ônibus. Tenho uma curiosidade: em qual cidade, de fato, o meu dente caiu? Gostaria de ir lá. Me apresentar. E informar que ainda tenho meus dentes, mesmo tendo 47 anos. De qualquer forma, só sei que, com o dente na mão tingido de sangue e, ao mesmo tempo chorando e segurando a mão de minha mãe, desejei uma celebração em família por meu dente, tomando um copo do mingau de minha avó Chicola, mãe de minha mãe que ficou no meu Itarema.

Comidas das avós deveriam ser tombadas como patrimônio familiar imaterial e material de nossos afetos, desafetos e dramas porque memórias familiares misturam verdades e mentiras. E ninguém escapa dos mistérios da grande família!

Ao chegar no ponto final da Rodoviária de Vitória naquele ônibus, senti um estranhamento psíquico do tamanho do meu mundo, tudo porque as cores, o cheiro local, as forças da natureza, os meus familiares e a minha gente que falava cantando, eu não conseguia mais localizá-la no meu horizonte de menina. O barulho do lugar, a quantidade de carros, o ar



pesado e o primeiro contato com o formato de cidade me assustaram. Além disso, eu tinha perdido o meu dente e a minha língua parecia que marcava todas as outras ausências. Eu tinha a sensação de que quem perde um dente logo mais poderá perder os outros.

De 1981 até hoje, vivo na Grande Vitória. Um dia desses, passei em frente à Rodoviária de Vitória, parei o carro e visualizei a minha chegada em família nesta cidade. E, de repente, senti uma dor num dente. Era uma dessas aflições que sentimos quando bebemos algo muito gelado ou quente. Me desesperei, porque tenho fobia em pensar que posso perder um dente. Respirei fundo e percebi que era o dente que substituiu o que perdi naquele ônibus.

Ali, vestida de adulta, minha criança, por meio da minha memória infantil, me entregou que foi na chegada do ponto final da rodoviária que perdi o dente. E que todo dia, no meu Ceará, eu mexia nele, porque eu tinha prometido entregá-lo, assim que ele caísse, à minha vó Chicola. Lembrei-me também, em formato de névoas, da pia do banheiro da rodoviária, das mãos de minha mãe limpando minha boca, das minhas irmãs rindo do meu desconforto e das palavras de minha mãe barriguda que dizia: “Perder um dente na cidade nova em que vai morar é sinal de sorte e de vitória!”

De fato, tive tantas vitórias em Vitória. Mas também tive perdas e desencantos que hoje escrevo, porque as palavras me salvam do encantamento supérfluo da vida ordinária do existir, pelo selo literário, ou a Editora NarraTiana.

# VIVER É VER VITÓRIA

**Denise Moraes**

Artista plástica, escritora, acadêmica, com Licenciatura  
Plena em Letras.

Com garboso cenário, a Capital de Vitória é cercada por uma ampla e charmosa orla litorânea, a iniciar pela Praia de Camburi. Contornada pelo calçadão em mosaico semelhante às ondas do mar, o qual tem várias opções de diversões, sugerindo caminhadas, banhos de mar, quiosques, restaurantes à beira-mar, ciclovias etc.

Nesse entorno, a vista do Convento da Penha nos inebria.

Vários bairros nobres, com belas praças, ao longo da orla: Praia do Canto, Curva da Jurema, Ilha do Frade, Ilha do Boi que preservam espécimes da Mata Atlântica, a Enseada do Suá, a Praça do Papa, a Praia do Suá com o tradicional Restaurante São Pedro, o qual serve a típica moqueca Capixaba.

Seguindo nesse trajeto pela avenida Beira-Mar, nos deparamos com o Penedo, imponente maciço na baía de Vitória, em eterna vigília. Na parte alta, o Clube de Regatas Saldanha da Gama com requintado Bistrot, o Forte de São João, paralelo à avenida Beira-Mar.

Na sua descida, leva-nos à Esplanada Capixaba, um marco na história, com a encantadora Gruta da Onça. Em seguida, o Centro Histórico.

Nós capixabas, temos o privilégio de viver numa Ilha abençoada com muitas igrejas. Na colina, majestosas palmeiras centenárias e a igreja São Gonçalo. No Centro Histórico, a Capela Santa Luzia, o Convento São Francisco, a Igreja do Carmo e a eclética Catedral Metropolitana, onde predominam os estilos Gótico e Bizantino.

A Ilha de Vitória, em tupi-guarani Guanaanira, é a Ilha do Mel dos antigos indígenas. Do Palácio áureo, avistamos o Porto de Vitória. Do alvorecer ao ocaso e pousam, sob o azul celeste, arejados pela Baía de Vitória, navios ancorados e iluminados a avivar a noite, mar adentro. Do outro lado, reflete a Estação Pedro Nolasco, iluminada, onde a vida reluz despertando fabuloso cenário entre brumas e espumas.

Oh, Ilha navegável! Pássaros sobrevoam na orla vigilante, a qual reverencia. A exuberante Escadaria Bárbara Lindenberg, exhibe chafarizes, as estátuas das sete estações e a homenagem à Dona Domingas, “A Catadora de Papelão”, “A Pietá do Lixo”, esculpida pelo artista italiano radicado no Brasil, Carlos Crepaz, a qual residia perto da casa do escultor, no Bairro Santo Antônio.

Vitória é a segunda capital mais antiga do Brasil. No centro da cidade, monumentos, o Teatro Carlos Gomes, Praça Costa Pereira, Teatro Glória, Triplex Vermelho, museus, escadarias que ligam às igrejas, o Teatro Sônia Cabral, a Biblioteca Municipal de Vitória, a Galeria Virginia Tamanini, seguindo a ruela, ao fundo a igreja do Rosário. Tudo nos remete ao passado glorioso de tantas histórias, como a da heroína capixaba Maria Ortiz, que expulsou os holandeses ao tentarem invadir a Cidade.

No Centro, o Parque Moscoso, localizado bem no coração da Cidade. Suas árvores centenárias, recebem deslumbrante decoração na época do Natal.

Vitória foi ampliada por aterros. Antes só havia florestas virgens e mar. Era ligada à Ilha do Príncipe pela Ponte Florentino Avidos, do lado Sul, e pela Ponte da Passagem, ao Norte.

Contornando a Ilha de Vitória, passamos pela Ilha do Príncipe, Estação Rodoviária, Complexo Cultural Carmélia Maria de Souza e pelo sambódromo, onde acontecem os desfiles das escolas de samba, e chegamos ao Bairro Santo Antônio e à belíssima Basílica dedicada ao Santo.

A Ilha das Caieiras é um lugar onde se pode saborear as delícias da gastronomia capixaba e aproveitar para admirar a belíssima paisagem e, no fim da tarde, saudar um deslumbrante pôr do sol.

No frescor da brisa, a trocar olhares com a rica paisagem do Mestre Álvaro, os barcos de pescas e as garças... Captamos essa magia numa perfeita sintonia!

# OBRIGADO, VITÓRIA!

**Eduardo Baunilha**

Professor, psicanalista e escritor.

Moro em Vila Velha e trabalho na Serra. Todos os dias atravesso a capital, Vitória, e sou testemunha, em apenas alguns minutos, de variados acontecimentos:

Vejo as transformações geográficas, como a construção de uma praça na Ilha do Príncipe, em frente à Rodoviária. O que era um local ermo, perigoso, tornou-se via expressa da alegria de jovens meninos e meninas que encontram neste lugar, momentos de folguedo.

Visualizo a arte do lugar sendo estampada nas paredes de um prédio. Arte que retrata toda a cultura capixaba, desde seus objetos gastronômicos, como a panela de barro, até seus monumentos mais conhecidos como o Convento da Penha e a Terceira ponte.

Sou testemunha de transeuntes que procuram neste lugar, um espaço de trabalho, outros de lazer e, ainda, outros de moradia. Gente que vai, gente que vem, deixando marcas, construindo histórias.

Vitória é um misto de modernidade e antiguidade. Muitas destas alegrias pretéritas estão sendo restauradas, como o Mercado capixaba, que visitava na minha infância e me encantava com o artesanato exposto ali.

O porto é um grande espetáculo. Navios vêm e vão deixando mercadorias, riquezas, belezas e, trazendo esperança de uma comunhão com outras paragens, mostrando que existe uma conexão para além da pessoal, mas financeira, que mantém e sustenta nossas vidas.

Na construção de uma capital forte, vejo no Ifes, antiga Escola técnica, um celeiro que armazena mentes que serão brilhantes na contribuição que darão neste sentido.

E o que dizer de nossa Universidade Federal? Lugar que abriga o saber, a conexão de almas, de cultura, de produção intelectual. Quantas vidas circulam diariamente neste lugar, trazendo esperança a um país cansado de tantas promessas.

No meu trajeto, o lugar último que avisto é o Aeroporto. Audacioso por si só, pretensioso sem ser prepotente, cresceu para tornar Vitória um lugar ainda mais atrativo, mais visitado, mais admirado.

Deste ponto, revisito em presença e canção toda a cidade que me acolhe, me devora, me deixa feliz por participar todos os dias de tudo o que ela tem para me oferecer.

Obrigado, Vitória!

## À VILA NOVA DO ESPÍRITO SANTO

**Emanuel Vitor das Mercês Souza**

Advogado, inscrito na OAB/MG. Natural de São João del Rei/MG, tem trabalho científico publicado pela PUCMG e outros em análise na UNEMAT, IHGSJDR e UNB.

Da janela da alma pelo parapeito do mundo,  
Do ocaso na curva e imagem transcendente,  
Ao solo tupiniquim do lírico mais profundo,  
O inverno é testemunha do grande incidente.

A ascendência desconhecia o porvir fecundo,  
Bela gente de valor árduo e coração ardente,  
A primavera denota tempo de glória oriundo,  
Da fértil história de uma autonomia ora inexistente.

Da Ibérica Península ao centro do novo mundo,  
Grande Palácios do desenvolvimento sol nascente,  
Ainda hoje no Convento tem trabalho fecundo,  
Óh esplêndido paladino de heroísmo não carente.

Pelas primícias da fé um pilar social secundo,  
A religiosidade leiga fez brotar como semente,  
A grandeza da Vitória que em tudo há abundo,  
Ah cidade maravilha em tudo proeminente.

Estribo de grandes feitos, em nada moribundo,  
Guardiã da natureza capixaba, garbosa patente,  
Úbere zelosa, Vasco Fernandes revelou-se facundo,  
Cidade Sol, Ilha frondosa, preclara e excelente.

Rosário e São Benedito, encontro iracundo,  
São Francisco e Boa Morte, e outra lista florente,  
O galardão aqui vivido nas letras feito inundo,  
O capixaba cadencia o amor exacerbadamente.

Ah Ilha do Mel, queira meu canto ser fecundo,  
Entalhar nas suas serras, que de sonhos é nascente,  
Perpetuar tua história, no arnês do nosso mundo,  
E termino apaixonado, por ti contentemente.



## VÍNCULO PARA VER VITÓRIA

### **Ester Abreu Vieira de Oliveira**

Professora. Tradutora. Poeta e autora de obras infantis, de memória, ensaios, crônicas e contos. Presidente da Academia Espírito-santense de Letras e membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras.

Estranhamentos?...

Nascem de um fastidioso engano.

Ver mares e serras  
luzes, e névoas em alvoradas

Navegar em odisséias proezas  
entre sereias e Polifemo temor

Presenciar diversas cadências  
e descompostos ritmos ao luar

Caminhar por longínquas terras  
coroadas por história milenárias

Embebedar-se com límpidas cascatas  
sobre marmóreos pedestais

Extasiar-se diante de pedras  
transfiguradas em seres viventes

Amortecendo submergidos sonhos  
nascidos no alvorecer da luz.

Vinculação são:  
Instigantes momentos familiares.  
Absorver reduzido universo  
entre serras e mar.

Viver é ver Vitória:  
Penedo submergido por água, luz e céu  
cores que despertam o entardecer!

Ilhas do Frade e do Boi:  
recordações de luminoso sol dourando o azul.

Entre mar e terra acolhendo Beira Mar  
corridas de homem e barcos simultâneos.

Palmeiras de Camburi despertando sonhos.

Viver é estar em Vitória, ES.

# VIVER É VER VITÓRIA

**Esther Torinho**

Artista plástica e escritora capixaba.

Manhã, cedinho, sem traçar itinerário,  
tomei o aquaviário  
e naveguei pela baía da nossa Vitória.  
O sol se derramava  
sobre as fachadas dos prédios  
e as águas verde-azuis da baía  
- uma visão que encantava  
e enternecia.  
O porto, com seus navios em suave balanço  
- promessas de progresso e conforto  
minha mente entretecia.

Desci do outro lado,  
na velha vila da colonização.  
Subi o morro do Convento  
deixei flutuar o pensamento  
tecendo enredos de sonho e fantasia.  
De lá avistei as águas batendo nas pedras  
e o movimento da areia dourada.  
Então, o sol declinava em cores avermelhadas  
e cantava louvores à lua, sua sempre enamorada.  
Eu nem percebia a passagem do tempo  
mas concluí que viver é isso.  
Viver assim é feitiço dos deuses  
Viver aqui é o paraíso.  
Viver é ver Vitória!

# VITÓRIA

**Fabio Daflon**

Médico, poeta, prosador e resenhista. Membro da Academia Espírito-santense de Letras.

Vitória

Sentimento insular e portuário  
como contradição, naturalmente,  
terra de motorista que ocupa  
duas vagas e anda bem moroso  
na pista da esquerda a sorrir  
para seus pensamentos na avenida.  
Cidade capital do meu amor,  
de quem veio dos mares e de avião  
à procura do porto e da pista  
em que pousasse para ser perene  
o leito em que deitar mesmo de rio,  
como se a ilha fosse além de si.  
Vitória assim é para meu peito  
e para os meus olhos em deleite.

## A CAÇA DAS BORBOLETAS

**Fabiola Vasconcellos Patta Sampaio**

Capixaba da gema, graduada em Pedagogia e licenciada em Letras e Literatura da Língua Portuguesa / UFES.

De certo, a caça sempre foi uma prática de existência milenar, um ritual que já nasce com as crianças, inclusive com a meninada daquele lugar. Não havia quem nos ensinasse e também nem era preciso. Como numa tribo, as crianças saíam com suas armadilhas, feitas de latas; com seus armamentos improvisados, feitos com espadas-de-são-jorge ou com instrumentos primitivos como o puçá feito de sacos de rafia usados.

Nos dias de caça de borboletas, nosso lugar preferido era o campinho do Seu Cirico. Ele ficava no alto da escadaria da Volta do Rabaiole, uma escadaria que ligava a baixada do mais tradicional bairro de Vitória, o bairro Santo Antônio, ao Alto de Caratoíra. A nossa tribo gostava de brincar por lá. Os meninos iam jogar futebol. Mas futebol não era coisa de menina, então, a gente ia caçar borboletas.

A estratégia era simples. Devíamos, primeiramente, observar os canteiros e escolher as borboletas que queríamos. A observação tinha que ser atenta, pois tínhamos critérios para nossa competição, como tamanho, cores e beleza. Após a escolha, tínhamos que dar pequenos e silenciosos passos, para nos aproximar dos canteiros. Quanto mais robustos, mais borboletas havia. Quanto mais florido, mais cores havia nas borboletas.

Usávamos as espadas-de-são-jorge para a missão. A estratégia era aguardar que a borboletinha escolhida iniciasse o seu voo e “zaz”, num movimento rápido e preciso, perpassar com toda a força, a espada-de-são-jorge ao lado dela, provo-

cando um ventinho em sua lateral, o que desestabilizava o voo e ela caía.

Jamais devíamos tocar nas borboletas com nosso instrumento de caça, pois isso poderia feri-las e até matá-las. Feita a captura, guardávamos nossas borboletinhas em sacolas ou potes de vidro com furinhos. Os meninos se juntavam a nós, quando a pelada acabava e nos ajudavam. Luizinho era o meu parceiro mais querido e meu coraçãozinho de menina batia asas de paixonite por ele.

No final da tarde, nossas roupas tinham a cor daquele barro vermelhão do Seu Cirico. Nossas mães sempre ralhavam, quando íamos para lá, exatamente por causa disso. A caça das borboletas acabava quando a pedreira explodia, lá pelas bandas do contorno de Santo Antônio. Era o sinal de que, daqui a pouco, ia escurecer.

Contávamos quantas borboletas cada time tinha caçado. Depois, quem tinha caçado a maior delas. Por fim, quem tinha capturado a mais bonita. Às vezes, os adultos que passavam, subindo ou descendo, nos ajudavam a decidir sobre essa última competição.

Antes de irmos para casa, abríamos nossos vidrinhos e saquinhos e libertávamos as nossas borboletas, ali na ribanceira, por detrás dos canteiros floridos, na direção do pôr-do-sol, quando o céu do capixaba fica azul e rosa.

Quem olhasse via uma pintura em tela: Crianças de costas, numa ribanceira, com roupas encardidas pela cor avermelhada da terra, abraçadas por um cintilante céu multicolorido e borboletas voando entre os canteiros floridos.

## DE VITÓRIAS & RECLAMAÇÕES

**Fernando Achiamé**

Poeta e historiador, nascido em Colatina (ES) em 1950. Integra o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e a Academia Espírito-santense de Letras.

“Viver é Ver Vitória”... Sim, lembro-me do slogan concebido pelo saudoso amigo Marien Calixte. Ambos encontram-se um tanto esquecidos. Vitória continua linda de viver e de ver, claro. Avançada em anos, requer nossos desvelos.

A aglomeração urbana começou na atual Cidade Alta, vinculada aos colonizadores portugueses interessados na produção açucareira, como sabemos. Uma pequena “Vila do Açúcar” com canaviais na própria ilha e arredores. O lugarejo cresceu aos poucos, delimitado pelo militarismo em fortins, fortes, fortalezas; pela religiosidade em oratórios, capelas, igrejas; e, pelas atividades comerciais em feiras, vendas, trapiches. E assim transcorreu o tempo colonial.

Desde meados dos Oitocentos, a vila deu lugar à “Cidade do Café”, que recebeu no século seguinte radicais transformações urbanísticas – derrubada do casario “velho”; abertura e retificação de ruas; construção de escadarias, praças e jardins; e, fornecimento de água, esgoto, energia, transporte público por bondes e lanchas. Em destaque, a substituição quase que completa das edificações coloniais por outras de feição eclética. A urbe se expandiu e conquistou espaços ao aterrar braços de mar, mangues, enseadas.

A partir do último quartel do século passado, Vitória ascendeu à condição de “Metrópole Industrial”, efetivando os Grandes Projetos: de pelotização, siderurgia, celulose e outros. Formou-se a Região Metropolitana da Grande Vitória, em cujo território explodiram novos bairros com vida e comércio in-

dependentes. Antes, praticamente tudo tinha que ser resolvido no Centro da cidade. Isso valia tanto para os moradores de áreas mais afastadas, como Santo Antonio e Praia do Canto, quanto para pessoas que habitavam nos municípios vizinhos de Vila Velha, Serra e Cariacica. A própria capital teve alterado seu dinamismo cotidiano devido ao deslocamento da maioria das atividades governamentais e privadas para a Zona Norte. O núcleo urbano original de Vitória perdeu sua centralidade e, pela primeira vez na história, sofreu profundo esvaziamento.

Fala-se toda hora em revitalizar o Centro da capital capixaba. Governos estaduais e municipais entram e saem do poder, mas pouco se realiza. Ainda bem que, recentemente, ocorreram positivas reformas prediais: do Museu Capixaba do Negro (Mucane); do Viaduto Caramuru; do Hub ES+ de economia criativa na Praça Costa Pereira; do Triplex Vermelho, antigo Hotel Império; do casarão que pertenceu à Henrique Cerqueira Lima Filho ao lado da catedral – os dois últimos casos por iniciativa particular. Em ritmos variáveis, recuperaram-se o Mercado da Capixaba, esvaziado por mais de vinte anos!; a outrora sede do Clube Saldanha da Gama; o Teatro Carlos Gomes, fechado há uns bons cinco anos; o ex-hotel Majestic, repassado para uma entidade religiosa; os armazéns do Porto – foi ideia do Marien pintar cada um deles com diferentes cores. São vitórias importantes, a serem comemoradas por seus realizadores e por nós, ilhéus. Mas tudo isso está muito aquém do que Vitória necessita e merece.

A decadência do Centro da cidade, apressada pela crise econômica e a pandemia da Covid-19, levou ao fechamento de diversas lojas e subutilização de vários prédios oficiais e residenciais. Convém citar aqueles em total abandono há tempos: os antigos hotéis Sagres e Canaã (onde depois funcionou



o extinto IAPI) e dois grandes imóveis do governo federal situados à Avenida Getúlio Vargas. Também desocupadas e entregues ao deus-dará as históricas construções que abrigaram o Colégio São Vicente de Paulo (do século XIX), o Arquivo e a Biblioteca Pública Estadual (de 1926), o Colégio Americano (de 1934). Por que os planos e projetos para restaurar e ocupar de maneira adequada esses edifícios permanecem apenas nas “boas intenções”? Delas o Inferno está cheio, garante a sabedoria popular.

As almas das cidades costumam se incorporar nos mercados. Quer conhecer a essência de uma cidade? Visite seu mercado. E o nosso Mercado da Vila Rubim encontra-se num estado deplorável. Nunca se recuperou direito do incêndio ocorrido em 1994, lá se vão tantos anos, apesar do empenho e luta dos feirantes e lojistas que ali trabalham. Essa maltratada “sala de visita” vitoriense, situada ao lado do Portal Sul da ilha e bastante frequentada por moradores e turistas, nos envergonha. Nesse mercado se comercializam artigos que compõem nossa identidade cultural por procederem de remotas tradições, ou por serem recentes criações típicas. Urge que ele seja devolvido em plenitude à cidade.

Enfim, o espaço deste texto é insuficiente para clamar e reclamar tudo o que se deveria. Se menciono corretas realizações em benefício da capital capixaba, registro, sobretudo, justas queixas de seus habitantes. Para que se promovam melhorias no Centro Histórico da cidade. Para que possamos novamente proclamar em alto e bom som a bela expressão: “Viver é Ver Vitória”!

## VIVER É VER VITÓRIA?

**Francisco Aurélio Ribeiro**

Professor e Escritor. Presidente de Honra da Academia Espírito-santense de Letras.

Em janeiro de 1928, Haydée Nicolussi (1905-1970), poetisa e jornalista, encantada com a beleza de Vitória vista do mar, assim a descreveu em um poema: “Cidadezinha azul,/ cidade pequenina (...)/ Que pena imaginar/ que a cidade-teteia/ um dia há de crescer/ e há de ter torres, arranha-céus, ousados, atrevidos,/para cravar as unhas de aço contra os céus polidos...”. Na mosca, Haydée. E como Vitória cresceu nesses quase cem anos desde que fez seu poema!! Talvez, mais do que deveria. Em 08 de setembro de 1951, comemorou-se o Quarto Centenário da fundação de Vitória. Dentre os vários poetas que a homenagearam, estava Areobaldo Léllis Horta (1883-1953), médico e jornalista, que, em belo soneto chamado “Cidade Presepe”, consagrava o nome imortalizado pelos visitantes que tinham essa impressão de Vitória, ao avistar do mar nossa bela capital, cidade pequena entre montanhas, florestas, rios, canais, mangues e banhada pelo Oceano Atlântico. Assim terminava seu soneto: “Senhor, para guardar memória/ Do teu Natal, um dia, à luz deste Cruzeiro,/ Hão de um presépio erguer, que encanto o mundo inteiro! E, meio século após, fundava-se Vitória”.

Em 1979, fez-se um concurso para se escolher um Hino Oficial para Vitória. Ganhou Carlos Cruz, capixaba radicado no Rio, mas o povo consagrou o “Vitória Cidade Sol”, de Pedro Caetano, que todos conhecem: “Cidade Sol com o céu sempre azul/ Tu és um sonho de luz norte a sul/ Meu coração te namora e te quer/ Tu és, Vitória, um sorriso de mulher”. Coincidentemente, a mesma metáfora de Haydée Nicolussi, a cidade-menina que se fez mulher. “Cidade Teteia”, “Cidade Presépio”,

“Cidade Sol” são belos epítetos para nossa capital, mas serão ainda verdadeiros? Não, totalmente. A Cidade Teteia transformou-se no aglomerado de edifícios temido por Haydée, sufocando a paisagem de cidadezinha suíça ou italiana imaginada por ela. As ruas estreitas viraram estacionamento. Nossa cidade-ilha ou cidade-porto, como a chamou outro apaixonado por ela, Cacau Monjardim (1929-2022), pouco usa a saída natural pelo mar para propiciar o deslocamento da população entre os bairros e os municípios-irmãos. Ficamos todos ilhados, “embotellados” nesse engarrafamento insular monstro, num para-arranca estéril, inútil, neurótico, vítimas de políticos que fogem do problema quando assumem o poder e que, na campanha, prometeram metrô de superfície, VLT, Túnel sob o mar, Quarta ponte. Como já disseram, “Vitória é uma ilha cercada de carros por todo lado”..

Vitória ainda é “Cidade Presépio” só um pouco, quando observamos as casinhas penduradas no morro, agora em cores vivas, como a pedir socorro; o resto da cobertura vegetal que sobrou, algumas de suas igrejas e poucas casas antigas que resistiram à destruição imobiliária e o Penedo, impávido colosso, mudo e estático, quase intacto. Mas não existe mais o bucolismo que a caracterizou até os anos cinquenta. A cidade tornou-se desumana, urbana demais, suja, descaracterizada, caótica, violenta, desigual. Vitória é “Cidade Sol”, sim, mas só em alguns meses do ano, sobretudo no período de estiagem, que vai de junho a setembro. Mas, de outubro a março, é muita chuva, toró de água que não escoa nos bueiros e galerias, sempre entupidos. O pior é quando as secretarias de obras, com lerdeza e burocracia, complicam ainda mais a vida dos cidadãos, com obras intermináveis, sem planejamento, azucrinando o trânsito e a paciência de todos. Tubo bem, é para melhorar, mas não podiam ser um pouco mais ágeis?

Apesar de tudo, amamos Vitória, mesmo quando não a reconhecemos mais nas imagens de seus poetas do passado. Se, um dia, Vitória encantou a todos por ter sido “Cidade Presépio”, nos bons tempos de Haydée Nicolussi e de Areobaldo Léllis, ainda continua a nos encantar como fascinou o querido poeta multimídia Marien Calixte (1935-2013) que, nascido no Méier, Rio de Janeiro, veio para Vitória ainda jovem e ficou tão apaixonado pela cidade que criou o slogan “Viver é Ver Vitória”. Quando saio da minha casa, em Vila Velha, e vou a Vitória, não deixo de admirar a beleza de nossa cidade, vista da terceira ponte. Eu, que já viajei por Ceca e Meca, nesse mundo de meu Deus, encontrei poucas cidades tão bonitas como a nossa capital, harmonicamente plantada entre montanhas e praias, enseadas e matas, abençoada pelo Convento da Penha, a mais bela construção arquitetônica do nosso país, bairrismo à parte. Claro, há outras Vitórias lindas pelo mundo: no Canadá, nas Seychelles e na Espanha, por exemplo. Pena é que, quando entro na ponte e já pego um engarrafamento monstro que se forma logo à saída, tenho vontade de ser Ícaro e de sair voando dessa Vitória que mais parece uma Derrota, para nunca mais voltar a terra. Ainda bem que já estão produzindo o carro elétrico voador. Desculpe, Marien, atualmente, “Viver é ver Vitória”, mas só do alto. Cá embaixo, é dose, mano.

## VIVER É VER VITÓRIA

**Gilcéa Rosa de Souza**

Membro da Academia Feminina Espírito-Santense  
de Letras - AFESL

Há nessa cidade uma magia e o mar é uma delas.

Eu não consigo ver um pôr-do-sol sem me emocionar. Há tanta poesia nas ondas, no pássaro que faz seus voos rasantes.

Minha maior inspiração está no mar e, na possibilidade de me silenciar e deixar que meus pensamentos invadam-me.

Encontro do céu com o mar  
O infinito  
Uma prece

E o sol  
Enquanto se despe

De laranja  
Colore o mar

Como as manhãs que chegam mansas  
Eu espero pela lua e pela noite  
Que nada prometem

Saudade do barulho da chuva.

Em silêncio  
Escuto resquícios de minha meninice  
Que em mim  
Insistem em morar.

Enquanto te “bebo”  
Mar...  
Entre colinas  
O som  
Vem das águas limpinhas

E dos pássaros  
Exibidamente livres

Vitória  
Lugar para viver o amor.

Às vezes  
Uma onda  
O mar que parece calmo

E eu  
Que nunca fui mar  
Nem onda

Brinco de ser areia.

Vastidão no azul  
Todos os risos

Inocência  
E em ti  
O sabor do sol

Vaidade minha  
Fantasia sua.

Às vezes  
a vida é como o mar  
Em dias de ressaca

E eu...

Que uma vez pensei em ser flor  
E também ser pássaro

Ando pensando agora  
Em ser veleiro.

Beleza rara  
É aquela que enche o coração da gente.  
Assim eu vejo Vitória.

Por mares abertos  
Navegamos

As velas  
Que ladeiam as águas

Enquanto o mar  
Ladeia-me.

## VITÓRIA, EM TEMPOS DE OUTRORA...

**Gracinha Silva Neves**

De Pancas-ES. Musicista, escritora e integrante da Academia Espírito-santense de Letras.

Vitória, ilha que flui e reflui perdida no meio do oceano, cheia de quimeras e fantasias...

Sonhos longínquos perturbam a minha mente velada pelos fantasmas de minha infância e juventude, imagens congeladas no tempo! Cidade tranquila, com ruas estreitas sem muito brilho, algumas luzes opacas, porém plena de gente alegre e feliz.

Uma cidade sem violência, onde se podia passear a pé, de bicicleta ou de carro, pois havia poucos e perigo não existia. Ah! Minha ilha, cercada de água por todos os lados, onde se respirava o ar com cheiro do mar batendo nos paredões da Praia Comprida, e que ainda se podia ouvir o barulho dos caramujos... aos poucos a poluição se instalou com a Vale do Rio Doce, (Porto de Tubarão) e a CST atualmente Arcelor-Mittal; empresas que trouxeram o progresso, mas sem programação para um futuro saudável.

Vitória, aquela que eu vi, em que vivi e cresci; não é mais a mesma para mim. Plagiando Casimiro de Abreu... Oh! Que saudades que tenho, da aurora da minha vida, da minha infância querida, que os anos não trazem mais! [...]

Encontrei a minha Rua que se chamava Rio Novo, na Praia do Canto, hoje Saul Navarro; lembro-me de estar junto à criançada que se encontrava para jogar bola, brincar de fazer comidinha no Cruzeiro (morro de pedra, onde ainda tem uma cruz grande e iluminada); pular amarelinha e jogar bolinha de gude com os meninos da vizinhança. As tardes eram prazero-



sas, após as obrigações estudantis, tínhamos direito a passear pelas ruas, sem a neura de assalto ou sequestro; ficávamos nos muros das casas a jogar conversa fora e flertar com os meninos que se chegavam sorrateiramente, a segredar e discutir sobre os arrasta-pés dos fins de semana.

As ruas eram familiares, com o direito de ir e vir como pássaros livres!

Caminhando hoje pelas ruas largas à beira do mar da Praia de Camburi, o bairro que adotei após o casamento e a maturidade; vejo parte das areias roubadas pelo progresso e, nos meus sonhos de menina, ainda me lembro daquela praia, onde a irmandade se juntava para passar o dia. Eu menciono aqui os onze filhos de meus pais; Iara, Vera, Inaiá, Guaraci, Zezé, Lulu, Eu (a sétima das meninas), Wilsinho, Rita, Tadeu e Bira. Viajávamos horas para chegar até Camburi, era bem distante da Praia do Canto, onde morávamos. A única ponte existente na época, era a da passagem, onde só podia passar um carro de cada vez. Na praia fazíamos piqueniques, pois poucas pessoas frequentavam, o transporte era difícil. Como sabemos, o mar de Camburi é muito extenso em quilômetros, e para se aproximar da praia, encontrávamos montanhas de areias com vegetação rasteira, cobrindo a visão da avenida de mão dupla. No areal, diversidade de pitangueiras, coquinhos, araçás, muitas frutinhas, as quais nós, nos divertíamos comendo as mesmas em torno das árvores e brincando de pique-esconde. Quando cansávamos, voltávamos à beira-mar para catar mexilhões; que apenas um furinho na areia já era o bastante para o bichinho aparecer. Tudo era divertido, pois a tranquilidade nos permitia saltar, correr e brincar sem nenhum risco!

Hoje, vejo uma Camburi diferente, sem o mesmo charme, na qual o desenvolvimento estrutural urbano chegou derubando as casas e os bares existentes na orla marítima, dando

lugar aos arranha-céus, com enormes paredões, verdadeira selva de pedras.

Esse meu saudosismo não é bem visto pela geração atual, pois para quem vive num século informatizado e tecnológico, tudo é normal! mas em mim é tangível ver essa mudança sem ter a mesma emoção do passado... ela chega sussurrando e lamentando o desenvolvimento desarticulado e desordenado que geraram a evolução dos tempos sem o romantismo e a doçura do viver. Na minha concepção essa mudança é como se um trator passasse destruindo tudo de bom que a ilha já teve.

Hoje, vejo-me como uma transeunte de passagem; de vez em quando faço caminhadas na praia, mas ao fitar a orla de Camburi, com seus enormes prédios, me perco no tempo e o sentimento é muito forte! Vitória cresceu, nossa ilha correu tanto que em trinta anos, o chegar do progresso até modificou o comportamento das pessoas da ilha. A vizinhança se encolheu! ninguém mais bate à sua porta sem avisar, se chegava, chegando para um cafezinho. Tudo era amizade, família x relação, onde todos se conheciam e viviam como uma grande família. Não existe mais tempo para se comunicar, mais tempo para se visitar, mais tempo para ouvir o outro, pois a função de cada um é de correria e competição! a prática da modificação do “Ser” em busca de mais recursos financeiros, compras de apartamentos luxuosos, mais, mais e mais...a ambição do poder! Essa busca incessante tornou o homem produto do meio.

Eu peço desculpas aos meus filhos, netos e as minhas futuras gerações, por estar me sentindo longe daquele meu viver de outrora! A tênue da saudade bate ao me lembrar do lindo pôr do sol, colorido com raios dourados iluminando as tardes de verão da ilha de Vitória, sem o céu enfumaçado de poeira negra. Eu então, contento acalantar-me com o “Regard”

de uma época longínqua, me permitindo penetrar no mundo dos sonhos vagos, em busca de um tempo único que já se foi, entretanto... na minha imagem interior, Vitória, a nossa ilha, continua viva como sempre em meu coração e relembrando a frase criada pelo saudoso Marien Calixte, “Viver é Ver Vitória” do ontem e do hoje!

## TROVAS

### Humberto Del Maestro

Poeta, escritor, teatrólogo. Nascido em 1938, publicou 64 livros, escreveu dez mil pensamentos, duas mil trovas e três mil haicais. Criador do informativo cultural Literatura & Arte, ocupa a cadeira 20 da Academia Espírito-santense de Letras.

Vagos sons em melodias  
Vêm da manhã em crisol ...  
Vitória dorme em poesias,  
No colo ameno do Sol.

Vitória: o porto, o Penedo  
E o Convento lá no fim;  
O mar que me punha medo  
E este amor dentro de mim.

Vitória: - um colar de ilhas!  
Cantar-te com que talento?  
Já bastam as maravilhas  
Que escuto na voz do vento.

Vitória, um porto perfeito,  
Com a forma de um regaço.  
Num filete tão estreito  
Cabe o mundo e sobra espaço.

Vitória, um mar de diademas,  
Um céu para se habitar,  
Onde a luz compõe poemas  
E o vento ensina a cantar.

Vitória, da minha infância,  
Criançinha de avental,  
Tornou-se uma exuberância  
Em forma de capital.  
Amo Vitória menina,  
Com sol, com chuva ou garoa.  
Minha Ilha é pequenina  
“Como o rio de Pessoa”.

Vitória dentro do mar  
E a lua crescendo ali ...  
Como é que não posso amar  
A cidade onde nasci?

Do formato de um broquel,  
Em mar cheio de catraias,  
Vitória é um favo de mel  
Adoçando céu e praias.

Vitória é um conto de fada,  
Um lindo e luxuoso hotel,  
Uma noite enluarada,  
Um doce favo de mel.

## O DESTINO DA CIDADE PRESÉPIO

### Ítalo Campos

Poeta, psicanalista e psicólogo, formado na UFMG. Membro da Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória, da Academia Espírito-santense de Letras, Academia Uruaçuense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Criador do Varal de Poesia de Manguinhos. Publicou 10 livros próprios, organizou e participou de outros cinco.

Por que tanto me encanta esta faixa azul lambendo a areia da minha praia? Vai além do que minha vista alcança. Meus olhos de criança procuram no vazio a significação que não me vem pela visão. O murmúrio da fita azul me inebria e adormece. Devo abraçar-me ao mastro da minha consciência para não me perder na grandeza do azul e da inebriante beleza. Lá do azul se avista a minha cidade ruidosa. Ondas frenéticas meio como formigas envenenadas, assustadas e desorientadas nela circulam, andam para lá e para cá. Para onde vão e voltam? Que desejos carregam na pressa de sua movimentação, que tarefa urgente as chamam?

A voz da cidade atualmente é indecifrável. Um murmúrio, um burburinho automático como se máquinas fossem. De lá, da faixa azul avista-se uma densa onda estacionada sobre a cidade, que se torna mais pesada da areia para o interior, do plano para o alto dos morros e becos apertados, ali ficando no espaço tomado por aqueles que para ali vieram. Estes, que hoje parecem insatisfeitos, são herdeiros dos fatores que executaram a expulsão dos primeiros. Hoje são escravos da ocupação e exploração. A cidade amarga seu destino de presépio. Dos seus seculares olhos de pedra apenas brotam fogo e sequidão à sua volta. Vários carcarás sobrevoam como nuvem a extensão da ilha em mau presságio. Os seus seresteiros e cantadores estão mortos. Os poetas enter-

rados em cova rasa e esquecidos, a lira foi quebrada e o som, em último suspiro, animou um astronauta e foi morar na lua.

Fumaça e fuligem cobrem os lençóis, a mesa de jantar e o playground daqueles que vivem ali perto da faixa. Nesta urbe ainda com vida paira uma ameaça. Alguém caminha convocando para a saída, muitos o seguem cegamente e andam em círculo, de praça em praça despovoadas dos colibris e bem-te-vis que por séculos ali pousavam. Ele e sua procissão de desesperados deambulavam calados. Apenas uma frase se ouvia quase em sussurro: Aonde vamos? De quando em vez, numa placa caída no meio do caminho, meio enferrujada, amassada pelas pisadas sem cuidado, a tinta já desbotada, se lia: Separe seu lixo. Cuide de seu jardim. Não corte as árvores. Cuidado: travessia de crianças.

Longa e seca temporada transcorreu e a turba, a cada dia mais desorientada, começa a tentar soluções individuais que alteram o ritmo do grupo. O líder já não é mais ouvido. A multidão, já cansada, se aglomera diante do imenso azul. O mar não mais aceita qualquer invasão. O seu murmúrio se torna mais alto como um longo grito. As aves que sobre ele sobrevoavam se dispersam para longe assustadas. Elas renunciavam que algo de perigoso estava por acontecer. O vento, que amenizava um pouco o saárico calor, parou e o ar se tornou insuportável. Alguém avançou um passo por sobre a areia numa ameaçadora tomada de posição e de desafio. Mal esboçou um segundo passo e uma onda dessas que nunca foi de brincadeira laçou o desafiante e o levantou na sua crista. Mal se o avistou e ele foi arrastado para longe e para o fundo. Um outro se adiantou proferindo provérbios decorados. Sua fala foi sentida por Netuno como uma ofensa ao seu conhecimento das falsidades humanas, de suas tramoias e agressões para com a natureza. Netuno não se deixou seduzir. Pessoas chamadas de importantes até então ensaiaram fugir em seus barcos e iates, que também estavam sendo arrastados para bem longe. Agora um vento forte

soprava da terra para o mar, afastando para dentro tudo que ali aportava, lambendo a praia de toda tralha, toda sujeira, todo lixo que se acumulavam há séculos. E como se quisesse poupar a estas pessoas o espetáculo do fim, o céu escureceu e se confundiu com o horizonte onde mais nada se divisava. Em contínuo, uma imensa onda avançou sobre a ilha e devastou a camada que foi construída, deixando à mostra todo o registro da história, todos os vestígios do tempo considerado glorioso e de progresso. No lugar apareceu uma extensa e verdejante plantação de milho. No céu alguns pássaros já se aproximavam em caminho de volta para a plantação.

Lá longe, brilhante, se destacando no horizonte, no alto do penhasco se avista uma construção branco marfim.



## IMPRESSÕES À BEIRA-MAR

### Jô Drumond

Escritora (26 livros publicados) e tradutora juramentada do ES, membro da AEL, da Afesl, da Afemil e do IHGES. Tem mestrado em Literatura, doutorado em Semiótica e PHD em Literatura Comparada.

Todos nós perdemos muito com o avançar da idade, mas a aposentadoria nos livra das amarras do relógio e nos concede tempo livre para muitos comprazimentos, como esse de hoje, no píer de Iemanjá, em Camburi, próximo à estátua da rainha das águas.

Paro e sinto o roçar da brisa em meus cabelos e o cheiro do mar. Céu e oceano se fundem no horizonte. Mergulho o olhar na imensidão azul e pesco o instantâneo das belezas locais. Tento captar a singularidade do momento, como faziam os artistas impressionistas. A cada instante, as sensações se renovam. Cada mirada é única.

Com a timidez própria do inverno, um sol ameno, porém brilhante, acalenta a baía de Vitória. No final do píer, deparo com a colossal estátua, e percebo, ao fundo, o bucolismo de uma pequena ilha adornada de coqueiros. Entre as nesgas das folhagens, esconde-se um casebre visivelmente habitado. Pergunto-me quem teria o privilégio de morar num lugar tão aprazível. Na escadaria, ao pé de Iemanjá, pescadores lançam seus anzóis e aguardam o passar do tempo entre uma e outra prosa.

Atrás de mim, na avenida Dante Micheline, centenas de carros e pedestres zigzagueiam apressados, atrás dos ponteiros do relógio, sem tempo para apreciar o que a paisagem lhes oferece.

À direita, vê-se o canal, na baixa-mar, mostrando o que normalmente se esconde sob as águas. A turva correnteza traz

consigo a sujeira do mundo. Indiferentes à poluição do canal, escunas ancoradas, aguardam a chegada dos turistas, prometendo mostrar-lhe as belezas que circundam a ilha do mel. Na placa de acesso ao cais lê-se:

“Partidas diárias às 10h e às 16h. Duas horas de prazer e emoção”.

Uma gaiivota isolada e desolada procura comida por algum tempo e alça voo rumo a lugares mais promissores. Uma catadora de moluscos, balde na mão, atola os pés no lamaçal em busca de alimento. Junto dela, crianças fingem ajudar na busca, mas brincam alegremente à cata de crustáceos. Ao fundo, um canoeiro lança a rede nas águas do canal, na esperança de encontrar em suas malhas alguma fonte de vida, além dos usuais rejeitos.

À esquerda, as águas da baía, agitadas pela aragem sob os raios solares, formam um mosaico cristalino e rutilante, numa infinidade de fragmentos cambiantes. A profusão de brilho em movimento é quebrada momentaneamente pela sombra de uma nuvem. Canoas distantes, com remadores solitários, vagam sobre as vagas, como barquinhos de papel. O cheiro do mar, o cheiro do mangue, o cheiro de férias, cheiros de outras eras... interpenetram-se sinestesticamente despertando inusitadas lembranças.

Paro novamente sobre o píer, fecho os olhos e sinto na pele o toque da brisa e do sol. O vento cochicha minudências nas folhas das palmeiras. Às vezes, lufadas oceânicas ressoam nos ares, varrem a areia da praia e despenteiam os caracóis das mulatas. No horizonte urbano, os charutos da mineradora Vale do Rio Doce soltam baforadas sobre a Ilha.

Depois de permanecer estática por algum tempo, atenta a cada detalhe, sigo pelo calçadão de Camburi observando a fruição praiana. Durante a caminhada, passo por dois grupos

de idosos, com interesses distintos. Um exercita-se em aparelhos para condicionamento físico, instalados gratuitamente pela prefeitura. Mais adiante, outro grupo reza alto e bom tom, com direito a microfone e poluição sonora. Enquanto uns se ocupam do corpo e outros do espírito, busco ambas as coisas, tentando pescar a poesia dentro do perímetro urbano.

Nesse painel litorâneo a vida fervilha: alongamentos, ginástica aeróbica, caminhadas, corridas, vôlei de praia, água de coco, cerveja gelada, espreguiçadeiras, sombrinhas coloridas, corpos bronzeados, gente alegre e saudável...

Um ronco vindo do alto rouba a cena. Uma aeronave rasga os céus, indiferente a tudo, e vai se contraindo, se apertando, se subtraindo da paisagem. Voo com ela, por alguns instantes. Aterrisso o olhar, e continuo a seguir meus passos nesse paraíso tropical.

# VIVER É VER VITÓRIA

**José Augusto Carvalho**

Doutor em letras, professor aposentado, autor de vários livros sobre língua portuguesa.

Há frases e divisas que permanecem na memória, mesmo quando não existe mais o que as motivou. Lembro-me, por exemplo, da propaganda do programa noticioso “Repórter Esso”: “O primeiro a dar as últimas”. Há frases de letras de música que também ficam para sempre na lembrança e que dizemos quando a ocasião se apresenta, como “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”, de Geraldo Vandré, ou como “Amélia é que era mulher de verdade”, de Ataulfo Alves, música que Roberto Carlos também cantou. Essas frases e divisas que ficam na memória acabam virando provérbios, que a gente sempre repete como reforço de argumentação. Um desses anexins com autoria conhecida é a frase “Viver é ver Vitória”.

Dizer “Viver é ver Vitória” é lembrar o nome do seu autor, Marien Calixte, um carioca que, como Milson Henriques, também jornalista e escritor, tinha verdadeira adoração por Vitória.

Nos anos 60 e 70, do século passado, a Livraria Âncora era o ponto de encontro, aos sábados, da intelectualidade capixaba. Frequentavam-na, sobretudo na segunda metade dos anos 60, personalidades brilhantes, como Guilherme Santos Neves, Renato Pacheco, Jussef Zaidan, Marien Calixte, Christiano Ferreira Fraga, João Carlos Simonetti, Maria Stela de Novaes, Eugênio Sette, Aci Nigri do Carmo, para citar apenas alguns e somente os que subiram para o lugar das muitas saudades. Durante algum tempo, a Livraria Nigri também era frequentada pelos mesmos intelectuais, no mesmo sábado. Saíam de uma livraria para entrar em outra, ver os últimos lançamentos, to-

mar um cálice da branquinha ou bater papo. Ambas as livrarias ficavam na mesma rua, à direita, no sentido do trânsito “via única”. Infelizmente, a livraria Nigri acabou ainda na década de 70. Depois a Dom Quixote passou a substituir a Livraria Âncora, na preferência dos intelectuais. Um acidente (um ônibus desgovernado entrou nessa livraria) fez a Dom Quixote mudar de lugar, e a livraria Logos substituiu-a na preferência de um seletto grupo de intelectuais e escritores, como Renato Pacheco, Reinaldo Santos Neves e Miguel Deps Talon, entre outros.

Num desses encontros, na livraria Âncora, Marien Calixte confessou-me que “Viver é ver Vitória” era um slogan inspirado na máxima turística italiana “Vedere Napoli e poi morire”, isto é, “Ver Nápoles e depois morrer”, cujo sentido, creio eu, parece o de tornar Nápoles a cidade onde se via tudo que se poderia ver durante uma vida inteira. Assim, depois de se ver Nápoles, poder-se-ia morrer tranquilo na certeza de não haver mais nada que já não se tivesse visto ou que ainda se pudesse ver que valesse a pena.

Eu colaborava semanalmente com resenhas e críticas a livros no **Caderno Literário** de **A Gazeta**, do saudoso Darly Santos. Reiteradas vezes, sugeri trocar a divisa de Marien por outra mais elogiativa para a cidade e talvez mais interessante: “Viver é morar em Vitória”. Marien, contudo, estava mais propenso a manter seu lema porque era de mais fácil visualização e de emblema mais sugestivo: o V de “ver”, do meio, unindo os outros dois, de “Viver” e de “Vitória”, num único traço.

Eu costumava ler de três a quatro livros por semana, para dar conta das minhas resenhas e críticas semanais. Eu escolhia o livro que me parecia melhor pra recomendá-lo aos leitores. Marien, nos papos que costumávamos bater na Livraria Âncora ou na Praça Oito, entre um café e outro, sempre me perguntava o que eu achava deste ou daquele último lançamento. Eu lhe dizia meu ponto de vista satisfeito pelo interesse dele pelas

minhas leituras. Só depois de algum tempo vim a saber por ele mesmo que ele utilizava minhas ideias sobre o livro em questão e reproduzia-as na sua coluna em **O Diário**. Não me aborreci, pelo contrário. Achei até bom que ele fizesse isso para levar aos seus leitores minhas impressões que eu não tinha espaço bastante para publicar no **Caderno Literário**. Não vi isso nem como plágio nem como esperteza, mas apenas como a vontade legítima de ser útil, recomendando a leitura de bons livros, embora meu nome nunca fosse citado nas resenhas assinadas por Marien Calixte. Quando ele mesmo me confessou isso, desculpando-se desnecessariamente, com pureza de coração, notei que seu único interesse era mesmo de levar aos seus leitores a recomendação de um bom livro. Gentleman, fineza em pessoa, Marien primava pela sinceridade, pela cordialidade, pelo companheirismo.

Sua sede de levar um bom livro ao público levou-o a unir-se ao poeta Carlos Nejar, da Academia Brasileira de Letras e amigo dos capixabas, e fundou a Editora Nemar (palavra-valise formada pela sílaba inicial de Nejar com o “mar” de Marien). Teve pouca duração, mas lançou bons títulos que infelizmente não tiveram muita repercussão por falta de uma distribuidora.

Depois que criou sua frase de efeito, Marien se tornou correspondente da **Revista Brasileira de Turismo**. Tornou-se Diretor do Serviço de Turismo, Promoções e Certames da Prefeitura de Vitória, e, posteriormente, Presidente da Fundação Cultural do Espírito Santo. Pôde por isso fazer por Vitória muito mais do que qualquer outro cidadão. Ele não era nascido no Espírito Santo, mas tinha a verdadeira alma de um capixaba nato. Infelizmente, não está mais entre nós, mas permanece vivo no slogan que criou e no tanto que deixou feito em benefício da nossa cidade.

## O VER VITÓRIA PELO BAIRRO SÃO PEDRO

**Júlia Barros Baunilha**

Estudante e escritora.

Os belos traços de todos os tipos faziam daquela escola tudo menos uma escola. Cmei Georgina da Trindade Faria, em todas as manhãs, em São Pedro estava. Lá ficavam todas as primeiras fases e, agora, para mim, ficam todas as lembranças em lilás. Meu primeiro contato entre laços cordiais. A escola falava por si, mas não sobre si.

Tinha todos os tipos diferentes de crianças, de todos os tipos diferentes de tamanhos e de todas as mais normais personalidades. Cada uma sempre igual a ela mesma. Era sempre tudo normal, mas com a surpresa de que o amanhã não seria mais tão comum. Pude conhecer o bairro de São Pedro através de todos os meus colegas, analisando o seu viver, observando suas lutas e conhecendo os seus desejos.

Todos como sua cidade, dentro de seus mundos, morando em seus bairros, mas todos em São Pedro.

São Pedro, todo o seu percurso retrata a sobrevivência que antes se passava na terra do nunca e em lugar nenhum. Este lugar para mim sempre será uma escola.

Em História estudamos onde tudo começou; em matemática somamos os anos de luta; em geografia lembramos das nossas primeiras casas; em ensino religioso acreditamos que a esperança é a última que morre; em educação física relembramos as nossas corridas contra o tempo; em ciência ainda vive a nossa primeira árvore; em português gritamos de alegria por nossas conquistas; em inglês sabemos que podemos estar em qualquer lugar e em artes fazemos coisas que tiramos do vazio.

Todas as manhãs, de segunda a sexta, o crepúsculo atravessava suavemente a minha janela, me fazendo acordar após a longa madrugada.

Dia após outro, absorvendo as repetitivas matérias como minha própria anatomia. Então, após todos os dias, eu administrava as informações em meras pastas coloridas, deixando a minha criança festejar em todo o seu saber.

Todos os momentos particulares sendo ditados sobre a minha própria visão, ainda me acompanham em todos os cantos como parte da minha própria sombra, fazendo com que meus passos ainda sejam vividos.

Eu tenho certeza que sempre que precisar vou usar essas memórias como um pula-pula para as minhas nostálgicas emoções, com o sentimento de que aqueles dias nunca serão esmagados e nunca ficarão para trás.



## ASSIM ME FALOU IEMANJÁ

**Kao Martins**

Jornalista, publicitário e escritor.

Depois de alguns quilômetros de corrida, eu transpirava palavras mudas de consolo diante da figura recortada do horizonte, quase no limite do quebra-mar. Claro que ela não podia receber meus afagos; não tinha ouvidos para isso. Nem podia recolher, como tributo, as condolências que eu lhe enviava. Estava ali estática, de costas para o sol que alongava seus primeiros raios sobre as águas da baía: olhar perdido nas construções do outro lado da avenida, braços estendidos, mãos espalmadas para o céu, linda e orgulhosa no vestido azul cintado na medida a lhe ressaltar as formas.

Alguém, em algum tempo, tentou dar sentido à presença imóvel, com algo entre o epitáfio e a oração: “A luz do sol ilumina a terra; a luz de Deus os que têm fé”, escreveu esse alguém ao pé da imagem. Mas ela, condenada a jamais testemunhar o espreguiçar do dia, emana a própria luz, ou é o que enxerga quem a ela oferece flores, perfumes e esperanças. Não era o meu caso. Meu tributo era o pesar por sua condenação. Era vê-la ali, exposta às intempéries, sem direito de compartilhar o espetáculo da alvorada que coloria minha visão da cidade.

Vitória, para mim, era antes de tudo – e acima de tudo – o calçadão de Camburi ao raiar do dia. Era a larga faixa de areia ladeando a praia e os cumprimentos de passagem aos corredores matinais. Era a água de coco, os navios fundeados na linha do horizonte e as corujas-buraqueiras empoleiradas nas traves dos campos de futebol. E Camburi, por sua vez, esteve sempre associada à luz violácea que tinge o início da manhã e trapaceia a visão da fumaça expelida pela siderurgia.

Do lado oposto do canal, a ilha que um dia atendeu pelo nome de Vila Nova do Espírito Santo não deixou de me acenar outras luzes, outras cores. Contudo, nem o movimento no porto, o panorama que se avista do maciço central ou o palácio onde dorme a lembrança do padre Anchieta foram capazes de desligar minha gratidão da praia de Camburi, da entidade à beira-mar e da aquarela matutina ao seu redor.

É certo que houve muitas e variadas razões para amar a ilha e o território continental que dela se estende na direção de Serra. Houve as noites do Triângulo, as moquecas das Caieiras, a feira de Jardim da Penha e o bar do Bigode em Jesus de Nazareth. Houve o andar errante pela madrugada na Praia do Canto e o colorido alegre dos barcos ancorados no canal de Camburi. E houve os amigos com quem dividi projetos, alegrias e sonhos. Mas o cimento que alicerçava minha relação afetiva com Vitória era a luz do amanhecer e o cenário que ela tingia, antes de se dissipar na ausência de nuances que o sol impõe.

E lá estava eu, banhado por essas cores fugidias, compadecendo-me da figura de azul. Soube que ela escalou o pedestal onde se encontra em 1988. Desde então, ali permanece, de costas para o oceano do qual é rainha, cumprindo seu dever de protetora dos pescadores e dos amantes. Carnal, ímpia e voluptuosa, sem o pudor das santas que povoam as igrejas católicas.

Nunca lhe pedi nada. Nunca roguei por proteção ou caminho. Mas imaginei muitas vezes que ela um dia piscaria para mim um aceno cúmplice. Não um gesto de sedução. Só o sinal de que deixaria sua imobilidade por alguns segundos, para virar o rosto ao sol nascente. Um sinal de que eu não precisava me compadecer do seu destino. Porém, como ocorreu nas muitas vezes que estive diante do orixá de olhar distante, não houve movimento a indicar tal intenção.

O suor já se dissipara, os músculos pediam sossego e eu precisava voltar para tudo o mais que compõe a capital capixa-

ba. Tive a impressão de que a imagem à minha frente movia os lábios, em resposta ao beijo que lhe soprei. E dei-lhe as costas com a certeza de que, no dia seguinte, ela continuaria ali, silenciosa, impávida e bela sobre o seu pedestal.

Já me afastava pelo píer, quando ouvi a voz a me sussurrar que deixasse de lado a comiseração: “Olhe a cidade à sua frente”, disse-me: “Vitória é muito mais que um horizonte permutando o vermelho da alvorada com o azul do céu espelhado em meu vestido”. Não me voltei para conferir se fora mesmo Janaína a falar comigo. Nem reneguei o espetáculo que me iluminava as manhãs. Apenas deixei que as palavras sopradas pelo vento me penetrassem e que meu olhar passasse ao redor como elas recomendaram.

Dali em diante, tudo o que havia visto e vivido na ilha e no pedaço de continente ocupado pelas construções ganhou novo sentido. E tudo que era inédito passou a merecer atenção especial. Meus olhos se inundaram de Vitória, até os fados me afastarem da cidade. Não voltei ao calçadão. Mas os encantos da antiga Vila Nova do Espírito Santo permaneceram firmes na memória, enquanto esmaecia a lembrança das cores matinais de Camburi. Devo àquela voz sussurrada, que liberou da exclusividade minha admiração e meu afeto, a descoberta perene desses encantos. E agradeço a ela, à entidade pagã à beira-mar, meu despertar, ainda que tardio, para o que significa viver em Vitória e viver Vitória.

# VITÓRIA

## **Kátia Bobbio**

Nasceu em Conceição da Barra - ES, pertence a: Academia Feminina Espiritossantense de Letras, ao Instituto Histórico Geográfico do ES, a ACLAPT - CTC.

Eu te saúdo Vitória  
Fazendo uma saudação,  
As coisas belas que tens  
Só encham meu coração,  
De alegrias e esperanças  
Plantadas neste teu chão.

Eu te saúdo Vitória  
Com um canto improvisado,  
Suas matas, suas praias  
Tudo aqui é preservado,  
Seu antigo casario  
Relembra o nosso passado.

Eu te saúdo Vitória  
Seja noite ou seja dia,  
Dentro e fora da Nação  
Você só traz alegria,  
E os poetas vêm mostrando  
Que aqui tem muita poesia.

Eu te saúdo Vitória  
Minha linda capital,  
Os seus dias são risonhos  
Madrugada tropical,  
És a mais doce cidade  
Tu és meu cartão postal.

Eu te saúdo Vitória  
Suas montanhas, serrados,  
Um dia fostes presépio  
Isso nos anos passados,  
Onde com lutas e glórias  
Teve dias coroados.

Navios partem do porto  
Levando os nossos e os seus,  
Exporta nossos produtos  
E sempre nos dando adeus,  
A nossa Vitória é um quadro  
Que foi pintado por Deus.

Terra mais linda do mundo  
Trago na minha memória,  
Não é só ilha, é poesia  
Pois nós temos muita história,  
Por isso que eu sempre digo  
Que “VIVER É VER VITÓRIA”.

# VIVER É VER VITÓRIA

## **Laurany Márcia Mattiello Redins**

Graduada em Língua Portuguesa/Espanhol, pela Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes e pós-graduada em Variação Linguística, pela Faculdade Saberes.

Na passagem do tempo transformou-se.  
Seu corpo estreito ganhou outras proporções  
Rompeu os antigos limites,  
Em silêncio, ergueu-se sobre uma ilustre biografia.

Esplendor de ilha transformada pelo tempo,  
A natureza e o homem.  
Cada passo dos passantes que passam,  
Mostram flagrantes do passado que,  
Cotidianamente, convivem lado a lado.

Frescor marítimo perfumando em direção à terra.  
O soluçar dos sinos da Catedral  
Despertando quem ainda dorme.  
A iniciação do homem na lida diária  
Diversas vidas cruzando e descruzando  
nas ruas da cidade  
Nos caminhos, todos se encaminham  
Para as batalhas que enfrentarão  
Nas atividades diárias.

O que floresce mais do que seus jardins?  
Que beleza é essa diante dos nossos olhares?  
Suas transformações galopam junto com o tempo.

Você, Vitória, com certeza,  
Chegou além de seus mais ambiciosos sonhos  
Instalou-se vitoriosa e definitivamente,  
No coração de todos os passantes, dos habitantes.

Mesclando presente e passado,  
Cada esforço onde os passos dos passantes passam,  
Mostram flagrantes do cotidiano que definem bem  
A dimensão de sua beleza.

Vitória, minha bela ilha!  
Que atrações são maiores  
do que as apresentadas por você?

Que poderosa alegria é essa  
Que desce sobre mim, quando penso em você,  
Que enche o meu peito e inflama o meu coração?

Ergo meus olhos e para você canto,  
Uma canção plena de paixão e exaltação.  
Combino todo pensamento e sentimento  
Sem que a mais remota dúvida surja de que, Viver é ver Vitória!

## CAMINHOS PELA ENSEADA DO SUÁ, PRAIA DO CANTO E JARDIM DA PENHA

**Luciana Nemer**

Arquiteta e Urbanista (FAU/UFRJ). Pós-Doutorado no PPGAU e no PPGHIS/UFES. Professora titular e Vice-diretora da EAU/UFF e participante do GPTA/UFES.

Há uma década em Vitória e pesquisando vinculada à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), acabei me tornando cidadina capixaba. A princípio era uma hóspede de moradias temporárias, como nós da arquitetura nomeamos os hotéis, *aparts*, *hostels* e similares. Após cinco anos de nomadismo foi necessário “ter um pouso certo”.

Na Enseada do Suá, primeira morada fixa, o olhar desta pesquisadora se acomodou e o da moradora começou a falar mais forte. Ao viver no local outras demandas, novas percepções ocorrem: contratar serviços, adquirir mobília, acessórios, consertar equipamentos e, ao mesmo tempo, ao caminhar pelas quadras da redondeza descobrir a melhor água de coco.

A compreensão do lugar, através de passeios a pé, permitiu um olhar atento aos edifícios, ao paisagismo, à divisão das quadras e a transição entre a Enseada e a Praia do Canto. O roteiro realizado por todas as manhãs, nos dias úteis da semana, iniciava na Rua Procurador Antônio Benedicto Amancio Pereira em direção à Avenida Américo Buaiz; na continuação cruzava-se a Avenida Desembargador Santo Neves e atingia-se a Avenida Saturnino de Brito. De forma saudosa (ah.... Bons momentos!), dobrava-se à esquerda na Rua Chapot Presvot e em seguida fazia-se o mesmo movimento na Rua Joaquim Lírio até encontrar a referida água de coco.

Após a pausa, em dias de sol ou chuva, através da Rua Moacir Avidos, voltava-se à Avenida Saturnino de Brito, Ave-



nida Desembargador Santos Neves pela qual se caminhava até a Reta da Penha. Ao adentrar na famosa avenida, à esquerda, vislumbrava-se a praça do Cauê, que no inverno de 2019 era cor de rosa pelos Ipês em flor e, ladeando a mesma, pela calçada do Colégio Fernando Duarte Rabelo, retornava-se ao ponto de partida.

Coincidentemente neste período escrevia para a Coleção “Os Pensadores do Espírito Santo” o capítulo “Saturnino de Brito – ideais higienistas e sanitaristas”, cujo texto contempla uma breve biografia do engenheiro e a descrição dos bairros Praia do Canto, Santa Luiza, Barro Vermelho, Santa Lúcia, Santa Helena, Praia do Suá e Horto; locados na região que Saturnino de Brito projetou em 1896 um Novo Arrabalde.

O Novo Arrabalde, hoje, abriga duas grandes avenidas nomeadas Avenida Nossa Senhora da Penha, ou Reta da Penha como conhecida pelos capixabas e a Avenida Leitão da Silva. A área é muito aprazível, dedicada ao comércio, serviços e moradia, como previsto pelo projeto, com largas avenidas funcionais e ruas acolhedoras. A Avenida Saturnino de Brito, a orla, possui desenho adequado e belas visadas, tão importantes como as da Avenida Nossa Senhora da Penha voltadas para o convento. A arborização e os canteiros conferem elegância e conforto nas Avenidas Cezar Hilal, Desembargador Santos Neves e Rio Branco e assim concretizaram as ideias de Saturnino na proposta para a capital capixaba.

Jardim da Penha foi apreendido bem antes, em 2012, ao visitar pela primeira vez a UFES, e o caminho natural para chegar a ele foi a Avenida Alziro Zarur, hoje “meu pouso”. A avenida é daquela que te acolhe, onde, após a jornada no Grupo de Pesquisas tomava um delicioso café acompanhado de pão de queijo, fazendo hora para seguir para o ballet no “miolinho” do bairro. Nesta avenida também encontrei a capela, os cuidados com as unhas, o suporte para o computador e os restaurantes

para almoçar com os colegas da universidade. À noite, vizinha à Rua da Lama, principalmente nas sextas-feiras, torna-se o melhor lugar para “fechar a semana”.

Escrever sobre o Jardim da Penha havia sido um compromisso firmado comigo mesma, após o lançamento do livro “Centro de Vitória Habitação Social Ontem e Hoje”. Era preciso “cruzar a ponte da Passagem e chegar ao bairro” e isso ocorreu em 2020, no livro “Passos da Ilha”, que alcança o continente mostrando a formação e a transformação do Bairro Jardim da Penha.

As ruas e os prédios foram objetos de pesquisa de campo, na ocasião era a pesquisadora e não a moradora, que andava pelo bairro. Jardim da Penha tem mostrado, no presente, a vocação para a classe média, no entanto, ainda apresenta edifícios em estado de conservação ruim.

Sobre seu desenho urbano, o traçado do loteamento com praças centrais e oito ruas faz referência às cidades jardins Ebenezer Howard. As quatro praças são elementos integradores e focais do comércio do bairro. Enquanto que na área central as faixas de travessia de pedestres são de fato respeitadas, nos limites do bairro, os semáforos são necessários.

As margens do bairro também são “flexíveis”; existindo uma permeabilidade considerando-se o canal, a orla e a UFES o que dá mais liberdade aos moradores. A população de professores e principalmente estudantes gera um ambiente dinâmico no tempo.

Mas, como a percepção vai muito além de atender às necessidades, ao se observar atentamente os bairros e trechos de bairros da nossa Vitória, verifica-se que são imprescindíveis conceitos e aspirações de quem irá perceber aquele espaço. A experiência plena se dá quando se vê e se vive no lugar.

## BEIRA-MAR

**Luiz Henrique Rocha Siqueira**

Graduando em letras pelo IFES (campus Vitória).

freou na curva  
à beira-mar  
rosto ralado  
bike quebrada  
nós à deriva  
num forte sol

sardas de sangue  
na blusa branca  
do tom do Forte -  
fez-se bistrô -  
tomou coragem  
dedos cruzados e  
beijou-me um desafio

o Penedo  
que já viu flertes e bombas  
ficou imóvel ao pularmos no mar

## JANELA ABERTA

### **Marcela Guimarães Neves**

Advogada e escritora. Secretária Adjunta da Comissão Especial de Direitos Culturais e Propriedade Intelectual da OAB-ES. Autora do site Vida Livresca, do romance *A Noiva de Paris* e do livro de poemas *Poemas de Arrebol*.

Era um dia de chuva inclemente. Dia de Finados. Não havia para onde correr. No Sudeste, a queda d'água é certa no dia dos mortos. Dizem que é para lavar os pecados daqueles que não os lavaram em vida. Mas, sobre essas crenças, meus irmãos e eu não entendíamos nada (e continuamos sem entender muita coisa). Éramos apenas três crianças ao mesmo tempo assustadas e curiosas. Assustadas, porque largar família e amigos para viver em um lugar distante, ainda que com o belo nome de Vitória do Espírito Santo (só conhecíamos Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, e Vitória da Conquista, na Bahia), não era tarefa fácil; curiosas, porque, finalmente, descobríamos uma região que todos no Nordeste conheciam como “Sul-maravilha”. Ora, com esse nome só poderia ser a terra de Canaã, aquela do escritor Graça Aranha, obra lida por toda a família, antes da firme decisão sobre a mudança de domicílio.

No entanto, as pancadas que os pingos grossos produziam na lataria do Opala branco do meu pai reverberavam como quedas de meteoritos vindos dos céus para castigar os desertores de lares nordestinos.

O sol de Pernambuco, sol “tiro de inimigo”, como disse o grande poeta João Cabral de Melo Neto, pune, até mesmo, os defuntos mais angelicais, atirando e acertando em conterrâneos vivos e mortos, naquele triste período do ano. Ampla e imediata foi a compreensão familiar das dificuldades que haveríamos de superar em solo capixaba.

Chegamos a Vitória sem conseguir ver a cidade. A torrente vinda da atmosfera nos impediu de observar os encantos do Centro Histórico. Através do vidro do carro, o belo Palácio Anchieta e o charmoso Parque Moscoso eram apenas borrões coloridos: o primeiro, de um amarelo imponente, já o segundo, de um verde bucólico. A promessa de trazer os contornos reais a esses dois importantes pontos turísticos da capital espírito-santense foi selada ali mesmo, em meio ao vapor quente de um automóvel fechado.

Seguimos em companhia de pequenos granizos que nos atormentavam ainda mais. Minha irmã caçula chorava aos berros, pedindo, insistentemente, para retornar à casa da *voinha* e do *voinho*. Meu irmão e eu refletíamos sobre a pluviosidade do ar capixaba (também nos questionávamos acerca da origem da própria palavra *capixaba*; charada a ser solucionada por um vizinho ao chegarmos à nova casa).

Os pais, aflitos, pediam calma, pois também eles não contavam com a difícil recepção de São Pedro naquele dia. Entretanto, como ateus convictos, não lidavam muito bem com santos católicos, e pensaram que talvez fosse essa a causa do aquoso infortúnio.

Na entrada da reta da enseada denominada “do Suá” (ou de “suar a camisa” do Centro até a Praia do Canto, segundo um amigo “canela-verde”), percebemos, atônitos, outra importante característica do clima de Vitória: o frio. Enquanto meu bravo genitor abastecia seu então possante veículo, um termômetro pendurado na bomba de combustível marcava 18 graus Celsius. Como é sabido, no Nordeste há duas estações: sol e chuva. Entretanto, em nenhuma delas o clima frio se faz presente.

Sem a compreensão de como se comportar perante o vento sudeste, minha mãe aproveitou a parada para encher-nos de

blusas, meias como meias e meias como luvas; até uma meia-calça foi rasgada no cóccix para servir de gorro improvisado.

Frentistas, passageiros de outros veículos, consumidores nas lojas de conveniência, todos ali observavam aquela cena burlesca. A gargalhada foi geral, uma vez que parecíamos saltimbancos sem talento nem bom senso. Éramos tão somente uma trupe de retirantes *opalescos*, se é que isso seja possível.

De súbito, na entrada da Curva da Jurema, a chuva parou. Um imenso arco-íris abriu-nos um portal para a Praia do Canto. As ilhas do Boi e do Frade resplandeciam como se fossem imagens marcianas, imagens de um mundo de fantasia, mundo ainda hoje inacessível a muitos capixabas e forasteiros.

Finalmente, abrimos a janela para ver Vitória. Naquele instante, não apenas a visão esplendorosa da bela cidade nos foi enfim possibilitada, mas também a certeza de que aquela era uma janela aberta para uma nova vida, porquanto o que víamos já era uma vitória para todos nós.

# HÁ UMA CIDADE NOUTRO LADO D'ÁGUA UMA HISTÓRIA EM TRÊS ATOS E 1/2

**Márcio Miranda Moraes**

Historiador, escritor, roteirista e cineasta.

## **Ato I - A infância**

Era sempre um frenesi quando a matriarca anunciava que meu pai havia enviado algum dinheiro, de um lado, a felicidade dela em colocar provimentos em casa, do outro, eu, menos preocupado com a alimentação básica. Mas, feliz e antenado na possibilidade de ir à chamada: cidade, oficialmente batizada de Vitória.

Em êxtase no empoeirado ônibus, a parte mais encantadora era quando subíamos a Segunda Ponte, e quase sempre ela anunciava: “filho, tá chegando a ponte, olhe pela janela!” E ao olhar, sentia que algo invadia minha alma, e logo, a vista da cidade horizontalizava-se em seu porto, onde os navios e os grandes prédios me contagiavam, sentia o frescor vindo da baía, um sopro na infantilizada face, transpondo-me num portal mágico, me conectando a uma fantasia urbano/periférica, edificada numa linha quase reta entre dois pontos, fruto de uma engenharia concreta recheada em aço, rumo à capital.

Há uma ilha, há sonhos: ir à Vitória, principalmente ao Centro-Histórico, carece ser analisado pelo olhar do outro, a de quem vem se encantar com o charme de suas ruas, o Parque Moscoso; o alvoroço; o temor da Vila Rubim; a Cidade-Alta; a parada obrigatória no caldo de cana; e a pirraça estrategicamente planejada frente à vitrine da loja de brinquedos, tão baratos que nossos poucos recursos sequer permitiam comprar esses sonhos plásticos. E na artimanha de conter as lágrimas e

o berreiro, o: “na volta a gente compra”, era o placebo da vez, retirado malandramente de tempos em tempos da cartola da desesperada mãe, para ludibriar o menino feio que se debatia em lágrimas meio aos transeuntes.

Sempre era hipnotizado com o azucrinador barulho dos carrinhos a combustão do Parque Moscoso, rodando com seus esfumaçantes motores “dois tempos”, com um rapazote pendurado, enganando os mais novos, falseando o controle da direção. Meu sonho de menino era ser aquilo: uma espécie “malacabada de criança adulta”, um tipo malandro, se “divertindo”, ganhando uns trocados e ludibriando os demais na simulação do volante dos pequenos e charmosos mini-automóveis.

## **Ato II- A adolescência**

Vitória-Centro lhe propõe o poder de caminhar, é uma minicidade, pouco maior que um presépio, então a jovialidade lhe impõe isso: caminhar Vitória.

Sair de casa, da escola, do trabalho, etc, e tão logo estar à beira-mar é uma condição dada há poucas capitais no mundo, quão maravilhosa e assustadora é a sensação de defrontar-se a uma quase megalofobia com navios tão pertos, sendo possível senti-los raspando sua pele ao travarem astuciosas manobras em suas águas, ensurdecendo-se aos esfumaçantes apitos dessas grandes embarcações que desaparecem ao oceano, conectando diferentes mundos e transpondo sonhos para tão longe.

Diante tamanho “cartão postal” num dia acalorado, às vezes, batia um desejo de navegar, tal como os navios que seguem deixando a ilha. Também era interessante quando se observava um catraieiro encostar. Dava vontade de entrar no barquinho e pedir ao remador para seguir ao infinito, atrás das grandes “naus”, ou talvez, apenas aventurar-se numa viagem de circunavegação, lusitanamente aos moldes de Fernão de Magalhães, em uma doce volta na ilha do mel.



### **Ato III- A vida adulta (ou meia-idade)**

A vida adulta me embaça as vistas, ou, na verdade, as abrem de uma forma diferente, como um para-brisa empoeirado que teima em apreciar velhos atores sociais; a bela arquitetura; os casarões; os antigos cinemas, estes, pecaminosamente convertidos em deselegantes templos de projeções monetarizantes e matinês de lobotomia, projetando em telas falsos profetas de péssima qualidade, sobretudo artística. As putas que parecem não terem envelhecido; os bares que migram de tempos em tempos; os pedintes que agora se aglomeram e até recebem em moedas eletrônicas; e outras figuras, que, como outrora relatou Elmo Elton em seu livro: “Velhos templos e tipos populares de Vitória”, compõem o panteão imagético desta cidade.

Agora, parece que damos mais atenção às outras mesmas coisas que sempre estiveram aí. Entretanto, com um olhar mais histórico, bairrista e melancólico, um tipo de paixão exaltada, sobretudo, ao que parece estar cobrindo-se de musgos e envelhecendo com a gente.

### **Ato ½. – Viver Vitória**

Viver Vitória não é meramente ter uma moradia na ilha, pagar IPTU e assistir a vida da janela. Viver Vitória é, e sempre foi algo mais, mesmo que ofuscado por seus ciclos de altas e baixas, tocados pela eterna especulação imobiliária e por um caótico processo de gentrificação. Viver Vitória é não se curvar à derrota e a imposição das relações humanas guiadas apenas pelas desordenanças do capital, ou mesmo temer, diante de um tempo modernizante, que edifica e corrói uma história com mais de 470 anos, muitas vezes, cobrindo suas belas fachadas com estruturas modernas, reluzentes e tão bregas como alguns de seus proprietários. Mas, viver Vitória, é sobretudo, saber pisar, sentir, e enxergar por outros olhares para além do horizonte, mesmo que ainda vivendo numa doce e encantadora ilha.

# VITÓRIA-ROTATÓRIA

## **Marcos André Malta Dantas**

Médico, nutrólogo e clínico geral. Formado em Filosofia, Teologia e Educação Física. Membro da Academia Espírito-santense de Letras e presidente da Academia Maçônica de Letras do Espírito Santo. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do ES.

Mudei de Guarapari para Vitória  
Bairro Jardim da Penha, local das rotatórias  
Estranhei no início essa forma de giratória  
De rotatória em rotatória  
Chegava na minha casa  
Lembrei-me dos filósofos  
O ciclo da vida numa rotatória  
Nascer, viver e sair de uma rotatória  
Se erro a saída, a correção, outra rotatória  
Concluo que Vitória, uma ilha, uma grande rotatória  
Viver é ver Vitória uma rotatória.

## VIVER É VER VITÓRIA

Vitória conhecida e vitória desconhecida

Temos colunas gregas

Temos sinagogas

Temos mesquita

Temos Pankrator

Basta procurar

Basta ter o coração aberto

Ainda temos:

Academia Espírito-santense de Letras

Academia Feminina de Letras

Academia maçônica de letras

São várias academias

Vitória se reinventa

Viver é ver Vitória

## VOU-ME EMBORA PARA VITÓRIA

Vou-me embora para Vitória

Passear em Jardim Camburi

Jardim da Penha, Santo Antônio

Centro, Parque Moscoso

Fonte Grande, Ilha do príncipe

Piedade, Santa Clara

Vila Rubim, Bela Vista, Caratoíra, Inhanguetá

Mario Cipreste, Santa Tereza, Andorinhas

Bonfim • Da Penha • Itararé • Joana d'Arc • Maruípe • Santa Cecília

• Santos Dumont • São Benedito • São Cristóvão • Tabuazeiro

São tantos bairros, como pode uma ilha ter tudo isto.

## ALINHAVOS VITÓREOS

### Marcos Tavares

Natural de Vitória (ES). Autor de *No escuro, armados* (contos, 1987; reeditado em 2017); *Gemagem* (poemas, 2005). Por jus, está inserido em coletâneas do Prêmio Off Flip. Membro da Academia Espírito-santense de Letras.

Na Praça Costa Pereira e nas barbearias uns homens com chapéu, alguns a trajar terno de linho, conversam a respeito de tudo e, em especial, da biografia do ali ausente.

No Moscoso cedo embarca o Sr. Manoel Caldas, aliás, Murilo Machado, após achado o defeito e compradas as peças para o rádio de Dona Maria Tardin, uma italiana mui católica cujo inferno maior era perder a Hora do Ângelus.

Sergipano próprio de Propriá, donde sai aos sete para morar em Resplendor (MG), embora curto de dinheiro, jamais tomará “ponga”: nem em pau de arara viajaria de graça. Num trem de ferro chegou com esposa e prole de dois, quando a Estação “Pedro Nolasco” ficava no porto de Argolas.

Pai o registra Manoel, mas a mãe o quer Murilo. E, assim sempre chamado, ele próprio adota como nome próprio o pseudônimo. Amarrada pela mãe a mão de nascença, a renegada canhota, tanto se habilita noutra que resulta num usuário ambidestro.

“Dinheiro, dinheiro”, passa e diz o condutor, também cobrador da tarifa de ingresso (do inglês *bond*), sempre a vibrar entre os dedos um maço de cédulas dobradas na vertical e separadas por valor. O motorneiro opera a chave, a acelerar ou a frear. Além de fiscalizar cobrador e ponguistas, com sineta o fiscal ainda autoriza partidas e paradas. E eis destinos: do Centro a Santo Antônio, e do Centro para a Praia do Canto; e *vice-versa*. E a “Convertidora” (*sic*) é convergência e garagem.

Outrora, há inclusive linha extra que, com bondade, faz cortejo fúnebre saindo da Catedral com destino ao cemitério de Santo Antônio.

Autodidata, apelidam-no “Cientista”. Especialista em tevê, conserta, em domicílio, geladeiras e aparelhos outros. Apreço pela radiodifusão o induz a batizar primogênito com o sobrenome de Guglielmo Marconi, o principal a usar, na comunicação, as ondas hertzianas.

Com filha, para a Vila Rubim sai a pé a Sra. Maria de Lourdes, uma Albuquerque. Anda rápido, pois deixa a dormir o caçula. Para consertar roupas, comprará aviamentos e linhas na bem-sortida Casa Andião, ao lado do estreito bar Gruta da Onça. Sobrassem tempo e uns cruzeiros, pechincharia na Casa Franklin. Zelosa, não quer que aos domingos se veja em desalinho as suas duas crianças.

Adentram o todo aberto Parque Moscoso, a rever a Concha Acústica. Oriunda de Sertânia (PE), a mãe, longe da caatinga de seu solo sertanejo, saudades sente. Mas, mulher forte e destemida, está pronta para quase tudo que o destino lhe costure.

Modesta, se se gaba de algo é de sua linhagem Albuquerque, daquela oriunda de homônima vila portuguesa e que, em terras brasis, em 1535 se instala na Capitania de Pernambuco.

Por linhas tortas, ou certas, em passeio por areias cariocas escreveu Deus o encontro nordestino: Maria de Lourdes Pereira de Albuquerque com Manoel Caldas Machado. E, mal a divisou ele, coração rachado, de amores derrama-se: ela com 22, já se casam. E passam a residir na divisa ES-MG, onde sonham, alhures, por ferrovia (EFVM), galgar conquistas. E chegam a Vitória.

Na casa de pedra do senhorio Mestre Adolpho, na ladeira-escadaria São Jacó, a Dona Maria Tardin, fiel a terços e rosários, ora pela hora de conexão com o programa de Sólon

Borges. Esse, ao crepúsculo, parece ter linha direta com o Céu. A vibrante oratória mais a execução do clássico “Ave-Maria” são-lhe cabos eleitorais que o alçam à Prefeitura. E é no início de sua gestão (1963-1966) que retirada dos trilhos da máquina elétrica então decreta.

Da Convertedora de energia, na rua Graciano Neves, sai lotado, com passageiro trepado mesmo no estribo, aquela parte externa, estreita, que permite viajar em pé, ou saltar, ou até embarcar “andando”, o que também facilita a “ponga”, aquela burla ao linear pagamento. Saúda-se um conhecido à rua; um chapéu voa ao vento. Se nesga de anágua esteja à vista, de pronto se impõe solene silêncio, quando mulher de “linha”. E a dama casada cede-se lugar no assento.

E, agora, o pesado veículo, após lenta subida, passando pelo Castelinho, célere vem descendo à frente da Radio Capi-xaba. Quem o vê, vê braços agitados tanto no estribo quanto no seu interior, cabeças curiosas, uns gritos, uns acenos — de mãos, de chapéus. O desespero, maior, do motorneiro, por vislumbrar pesadelo. É precisa muita força, muita força, muita for... Seja como for, por fim alavanca funciona, com gemente ranger, quase alavancando ao chão alguns.

— Virgem Nossa!

— Nossa Senhora!

A Dona Tardin, toda irradiante com o receptor outra vez novo, pelas ondas no ar decerto tenha ouvido a notícia. O Diário da rua Sete e A Gazeta da rua General Osório não estavam de prontidão? Gazeteiros de oficina tipográfica, quase sempre movidos a aguardente, andam na mesma trilha da Redação boêmia viciada no Bar Central próximo à Escadaria do Palácio Anchieta. Enfim, não publica sequer uma linha a imprensa local. Fato é que aquele ano de 1960 deixará digitais marcas sobretudo em quatro dedos.

É 27 de setembro, Dia de Cosme e Damião — de santos por demais alinhados com cirurgiões e, mormente, com crianças. Acordado pelo burburinho de garotos maiores a correrem atrás de balinhas e guloseimas, o irrequieto menino Marconi, vendo-se sozinho, já aos 4 anos de idade bem hábil tal o dom paterno, consegue abrir porta do lar na rua Soldado Apolinário e, ágil, ganha rua Dom Fernando.

Quer atravessar, seguir possível trilha de sua mãe e de sua irmã Virgínia. Talvez logo cedo ganhe um bombom, um doce. Linha férrea acima olha. Num átimo pondera que, perpendicular ao viaduto Caramuru, bonde ia. Só não calcula um seu pé certo no trilho: todo errado o direito. E o bonde vinha.

## VIVER EM VITÓRIA

### **Maria Helena Falchetto**

Mora em Venda Nova do Imigrante. É casada com Antonio Fernando Altoé, com quem tem três filhos, Pablo, Paola e Catarina. Graduada em Odontologia pela UFES, formou-se em 1982/1 e atua na área.

Nas décadas de 1960 e 1970 éramos quinze irmãos morando numa pequena propriedade rural e vivendo da agricultura. Nossos pais contavam muitas histórias dos *nonnos* e *nonnas* que passaram pela experiência de morar com várias famílias numa mesma casa. Assim, à medida que adquiriam mais terrenos iam assentando os filhos mais velhos, casados, para continuar trabalhando nessas terras.

Benjamim e Edília, nossos pais, enviaram os seis primeiros filhos adolescentes para estudar internos em colégios nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, porque aqui no interior havia somente escolas primárias. Quando terminávamos os estudos no internato, não seguindo a vocação religiosa, tínhamos que continuar os estudos ou voltar a trabalhar na roça.

Para não repetir a experiência de nossos avós eles fizeram para nós a melhor escolha: viver em Vitória para estudar. Na primeira leva moramos em repúblicas diversas e depois somente com os irmãos, até sete numa mesma casa. Quando um se formava saía e, então, entrava outro. Foi assim por muito tempo até finalizar essa jornada de estudos.

Dessa forma Vitória abriu para nós outros horizontes e possibilidades. Foi uma intensa busca de conhecimento e aprendizado. Ainda, a capital nos deu a liberdade de escolher um dentre esses destinos:



- Sonhar, voar e seguir para lugares desconhecidos, conquistando novos desafios.

- Permanecer em Vitória, acolhidos pelo trabalho e aí fazer morada.

- Retornar abastecidos e corajosos à nossa terra natal.

Viver em Vitória foi um marco em nossa história, uma ponte que nos levou mundo afora.

## TEMPO VINDO

### Marilena Soneghet

Morou em Vitória desde os 4 anos. Formou-se em Pedagogia e Didática pela FAFI. Dedicou-se à pintura, teatro, ao folclore e à literatura. Cronista de “A Região” (Osasco) e de “A Gazeta ES. Com vários prêmios, editou livros de poemas, crônicas e Lit. infantil. Membro das Academias “AFESL”, “ALACO” (Osasco SP) e do IHGES.

Ilha do mel  
que ao aportar à praia  
se deixou ficar.  
Alongou pontes,  
raízes, se fez ninho.  
Sentimentos oceânicos  
embalaram tua nostalgia.

De repente,  
viraste grande Vitória:  
dentro de uma cidade, outra  
e outra dentro da outra.  
Tua voz  
feita de muitos sotaques  
- uma fala dentro da outra -  
E dentro da outra, outra.

Quem te descobriu, Vitória,  
meu presépio barroco  
retábulo de musgo e luzes?  
Filha do vento e do sol  
pedra e água.

Já não dormes  
entre as ondas e espumas  
de teu berço marinho.

Eu te vejo, Vitória,  
como um portal do futuro.  
Teu ímpeto tropeça  
nos paralelepípedos soltos  
das ruas velhas  
mas floresces requintada  
na fotossíntese dos shoppings.

De espigas a espigões,  
rendeira do tempo,  
teces tua história.  
Na trama da renda  
a renda que trama  
a trama do tempo vindo.

# VIVER É VER VITÓRIA

## Oscar Gama Filho

Capixaba, de 1958. Publicou *Ficcionista*, *dramaturgo*, *historiador*, *compositor* e *ensaísta*. Publicou *Teatro romântico capixaba*, *história*; *O despedaçado ao espelho*, *poemas*; *Razão do Brasil, crítica e história*; *Ovo alquímico*, com o filho Alexandre Herkenhoff Gama; *Metacrítica - questão de método, ou nova interpretação da "História da literatura brasileira"*, de Carlos Nejar (Academia Brasileira de Filosofia).

Cegos guiando outros cegos,  
Em peregrinação por caminhos certos,  
Chegaram a Nápoles caminhando em linha pelo ditado:  
“Vedere Napoli e poi morire” (ver Nápoles e depois morrer).

Lá chegando, nada vendo, que não tédio, não morreram por séculos até que um deles, o eterno Marien Calixte, leu o lema em braille:

“Viver é ver Vitória” e a força de suas palavras  
os teletransportou, por ficção científica e licença poética,  
Para um baile de cegos no Instituto Luiz Braille, em Vitória.

Convencidos pelo poder das palavras ditas,  
Acreditaram na vida eterna da visão que fica,  
Da visão da mística ilha de Vitória.

Rezaram, em uníssono:

“Visão perfeita e vida eterna,  
O que de melhor nos espera?”

Pedindo a bênção de José Augusto Carvalho,  
Deus das palavras, esculpido na vila de Assis, em Machado.

Viver é ver Vitória,  
Bradaram então os cegos no baile  
do Instituto Luiz Braille,  
De que participaram, telepaticamente, os presidiários  
em solitárias, os tetraplégicos, os surdos-mudos  
e os mantidos em trabalho escravo. Sem verem a luz do dia.  
O viver, para eles, é diferente,  
E não passa pelo que se sente.  
Pois estão onde não se sente  
e, portanto, não vivem e não são gente?

Abençoados por um deus inusual  
e cegos pela ambição da vida visual,  
Saem em romaria errante  
a que se agrega a comunhão dos santos  
e a horda dos demônios, ambas mortas  
e entediadas com uma eternidade repetitiva e vazia,  
Em busca da ressurreição  
prometida para os que virem Vitória.

Os vivos, sem preconceito, mas insatisfeitos,  
A eles se juntam e sentem o cheiro de urina  
que da escadaria do Palácio Anchieta mina.

Tentam descobrir se viver é ver o fechado Teatro Glória  
ou assistir a uma peça no Cais das Artes abandonado,  
Ou orar em uma missa nas seculares igrejas de Vitória,  
Todas de portas fechadas pela ausência de caramurus e peroás,  
Ou fazer a feira e comprar um dos peixes multiplicados  
nos escombros do Mercado Municipal,  
Ou dar uma parada para dançar em um baile inexistente na Fafi.

Fazem mandinga pela visão na Igreja de Santa Luzia,  
Para verem, todos, a Cidade Presépio.  
Mas o menino deus da manjedoura fugiu,  
Perseguido pelo narcotráfico.

Os esqueletos dos mortos erguem-se,  
Sem olhos e sem carne:  
A busca da vida plena os invade.

Sempre adiante, a romaria chega ao Convento da Penha,  
Pela trilha dos penitentes.  
Dali divisa a aura perdida de Vitória,  
A perda da aura da arte de viver de que falou Walter Benjamin,  
Na época de sua reprodução em massa.

Mas a memória do ar guarda tudo que tocou,  
E devolve, conforme o ditado prometia,  
Olhos, carnes, corpos e vida  
à urbe que assim se revitaliza  
e se crê feliz na única visão  
que terão pela eternidade.  
A visão que os hipnotiza e escraviza  
da beleza perdida da cidade de Vitória,  
Que arde em seus olhos em flamas e glória,  
Estátuas de sal paralisadas  
pela visão da aura da alma transfigurada,  
Cidade sol com um céu sempre azul  
a secá-los para a Vitória que veem agora.

Casamar, 18 de junho de 2023

O lema “Viver é ver Vitória” foi criado por Marien Calixte, inspirado pela frase de propaganda de Nápoles: *Vedere Napoli e poi morire* (ver Nápoles e depois morrer).

# VITÓRIA NOSSA, CIDADE POESIA

## **Penha Franzotti Donadello**

Professora aposentada, licenciada em Desenho e Artes Plásticas pela UFES, autora de crônicas, contos e poemas, com seis livros publicados. Membro efetivo da Academia Feminina Espírito-santense de Letras.

No útero da natureza,  
Por mãos de anjos do Senhor,  
talhada,  
Em desníveis surpreendentes  
E vegetação em rendilha,  
Uma ilha.  
Calma e serena,  
Poema  
No seio do ecossistema!  
Em meio a floresta em festa,  
Nativos da Pindorama  
Enfrentaram acirrados concorrentes,  
De estranhas ambições.  
Confrontos,  
No encontro de culturas,  
Amarguras.  
Equívocos de progresso  
Por mãos que desconhecem cidadãos.  
Clamores  
Ecoam no tempo que  
Se refaz, sem olhar para trás.  
Segue, prospera, posterga a reflexão.  
Memórias edificadas entre lutas e conquistas  
Da vila, a história, hoje Vitória

.....

O palácio imponente, o antigo São Tiago,  
Mãos nativas empenhadas  
O preto dedicado ao jesuíta das Canárias  
De ideias solidárias, orgulho de nossa gente  
Nos desníveis das ruas,  
Em sólidas alvenarias  
Sobem e descem escadarias  
De singular beleza,  
Palco de proezas e batalhas,  
Piratas, corsários, invasores,  
Onde um nome valente nos diz  
A capixaba Maria Ortiz  
Desafia o tempo, indiscutível e categórico,  
O Centro Histórico  
Suor de mãos magnânimas  
Pretas e anônimas.  
Igrejas, Capelas, Convento  
Onde a Fé resiste ao tempo,  
Renda-se tributo à Igreja do Rosário!  
Em direção ao céu, duas torres elevam-se  
De estrutura magistral,  
Da bela Catedral!  
Nelas, nada excede nem falta,  
Enfeite da Cidade Alta!

.....

Alarga o solo os aterros, empurram as águas  
Surge a Baía  
A economia se amplia  
Ancoradouros aportam grãos  
Tesouros permanentes  
Aos continentes se lançam.  
Beijam ávidos navios,  
À boca do cais do Porto  
Sobem os morros, casarios,  
Elevam-se entre à verdura.



Casas, casebres, singelas fachadas,  
Mansões jeitosas, arquiteturas mimosas,  
Invadem  
Alastram-se planejados prédios  
Inovadores, acolhedores.  
Em desenho harmonioso,  
O Parque Moscoso  
E com inspiração  
Ao Scala de Milão  
O Teatro que leva o nome  
Do compositor Carlos Gomes.  
Passado, presente,  
Tráfego intenso, variado mercado  
Dilata-se o Centro comercial de Vitória capital.

.....  
Por todo canto brilha  
O manto da lua na rua  
Nas águas das praias, na borda do cais,  
Mangues, estuários, manguezais e  
Como em delicioso folgado  
Reflete também no Penedo.  
“Surge ao longe a estrela prometida”  
Acordes de sonoro relógio  
Onde havia o Cais da Alfândega  
Cenário de ataques no passado,  
Hoje, de concentração  
E ideais afoitos:  
A moderna Praça Oito

.....

Das trilhas da Fonte Grande à Orla de Andorinhas,  
Nas paisagens circunvizinhas  
Os verdes invadem.  
Do Morro de Itararé, ao de Jesus de Nazaré  
Coloridas Escadarias  
Elevam nossas vistas aos encantos do entorno.  
Na chuva ou no sol.  
Com anzol, rede ou puçá, das Caieiras ao Suá,  
Pescadores, Desfiadeiras, Marisqueiras  
Conhecem o suor da labuta  
E na luta produzem sabores e saberes  
Tal qual em Goiabeiras,  
As Panelleiras artesãs.

.....

Avança a Ilha ao Continente.  
Pontes lhes dão passagem  
Aqui e ali,  
Une-se à Praia de Camburi.  
Entre azuis do céu, do mar,  
Onde o canal deságua  
Eis a rainha das águas:  
Iemanjá.  
Clarão mar adentro, à noite  
Vê-se do extenso calçadão  
A Ponta do Tubarão - terminal graneleiro.  
Espaço humanístico,  
Adiante,  
Reverência o conhecimento:  
A Ufes, centro universitário,  
Acolhendo Praças, Galerias,  
Morada da Ciência, Arte e fantasia.

.....

Vitória

De ricas etnias, descendente,  
Costume e tradição resistente,  
Expressa a cultura do povo  
Eternizam Letras, Poesias  
Nas Ruas, nas Academias,  
Teatros, no fundo de cada Quintal,  
Tamborim, violino, berimbau,  
Harpa, cuíca, piano, tambor  
Revelam na diversidade  
A nossa identidade.  
Da claridade da manhã, à luz do fim do dia  
Sempre cheia de “bossa”  
Vitória nossa, cidade poesia!

# CARMÉLIA E MARIEN SABIAM DAS COISAS

## Renata Bomfim

Poeta e ativista ambiental. Acadêmica da Academia Espírito-santense de Letras (AEL) e fundadora do Instituto Ambiental Reluz.

À memória de Sérgio Blank

Carmélia Maria de Souza deixou o seu nome na história da crônica no Espírito Santo. A sua escrita, marcadamente irônica, bem como sua poesia amorosa, quase trovadoresca, me encantaram pelos idos dos anos 2002, quando recebi de presente, do querido e saudoso amigo Sérgio Blank, um exemplar do livro *Vento Sul*. Na ocasião, tanto eu, quanto Sérgio, ministrávamos oficinas terapêuticas no CAPS Ilha de Santa Maria, primeiro Centro de Atenção Psicossocial do Espírito Santo. Esse encontro com a literatura da terra marcou a minha trajetória de vida. Com o passar dos anos a leitura evoluiu para a escrita e para a pesquisa. Em janeiro de 2023, a obra de Carmélia Maria de Souza passou a ser objeto da minha pesquisa de pós-doutorado, na UFES, e *Vento Sul* está presente no grupo de autores com os quais trabalho no projeto de educação continuada para professores, “Lendo o nosso mundo”, do Instituto Ambiental Reluz.

Criadora da antológica frase: “Essa Ilha é uma delícia”, Carmélia integra um seleto grupo de intelectuais que refletiu sobre o que o Professor Francisco Aurélio Ribeiro chamou de “marginalidade periférica”, uma espécie de sinal de menos que marcou a cultura do Espírito Santos desde os seus primórdios e que perdurou por muito tempo como um *imprinting* na subjetividade do capixaba, traduzindo-se num sentimento de inferioridade em relação aos vizinhos, a saber, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Milton Henriques, amigo de Carmélia, esclareceu numa entrevista que a frase criada por Carmélia “é de uma ironia...”, e que quando foi enunciada queria dizer que, na Ilha, “tudo é proibido, tudo não pode, tudo é provinciano”, mas ele reiterou que a “cronista do povo”, como Carmélia gostava de ser reconhecida, falava muito sobre a cidade e “achava realmente a ilha uma delícia”.

Carmélia faz uma referência ao slogan “Viver é ver Vitória” na crônica intitulada “O deletério do povo capixaba”, de 1967, destacando que a sua criação foi a iniciativa de um “rapaz inteligente, trabalhador, dedicadíssimo, grande amigo e grande poeta”. Ela estava se referindo a Marien Calixte, que na ocasião acabara de assumir a Secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal de Vitória. Segundo a cronista, Marien estava “mandando a maior brasa”, “metendo a mão na massa” e considerou a frase “das mais felizes”. Entretanto, ressaltou que nem todos compreenderam o significado que a frase encerrava, o que fez com que descambassem numa “falação idiota e destruidora”. A essa gente, que infelizmente existe em todos os lugares e em todos os tempos,  $\frac{3}{4}$  invejosos, também conhecidos como “seca-pimenteira”<sup>3/4</sup>, Carmélia chamou de deletérios. Para a cronista “Viver é ver Vitória quer dizer: você precisa vir para cá”, ou seja, estar aberto para conhecer o território e conviver com a sua gente, somente assim será possível perceber o “charme”, “as marcas de vida”, e tudo que faz um lugar ser singular e único: ruas com “alma e coração”, capazes de “comover a gente por causa do seu lirismo, de sua beleza antiga, de sua poesia”.

Carmélia e Marien sabiam das coisas!

A possibilidade de falar sobre a literatura produzida no Espírito Santo para professores das escolas públicas tem sido, para mim, motivo de grande alegria, especialmente porque a minha história no campo da pesquisa começou com a literatura portuguesa. Finalmente, depois de cruzar o Atlântico, percebi os tesouros da terrinha: Guily Furtado Bandeira, Maria Stella de Novaes, Virgínia Tamanini, Sérgio Blank, Bernadette Lyra, Luiz e Guilherme Santos Neves, e tantos(as) outros(as), uma fonte inesgotável de escritores(as) de altíssima qualidade. O conhecimento do território é uma estratégia de fomento da preservação ambiental, gera sentimento de pertencimento, empodera, e foi esse entendimento que levou o nosso Instituto Ambiental a investir nesse campo.

É sabido que Carmélia não tinha papas na língua e que tinha um jeito único de se comunicar com povo capixaba por meio de suas crônicas irreverentes e sensíveis. Marien Calixte, outra preciosidade

da terrinha, também deixou a sua marca, ele inovou na imprensa espírito-santense, elevando o jornalismo e inspirando toda uma geração de comunicadores. Artista multifacetado, radialista e poeta dedicado aos haicais, assim como Carmélia, Marien teve o amor permeando os seus escritos: “Tecidos de chamas, o amor, /recusa a lágrima/ se esvai lento e próprio. // O sofrimento não basta/ para acalmá-lo: nem a prece, / renúncia ou morte”. Além da poesia e dos haicais, Marien escreveu biografias e histórias sobre a cidade de Vitória.

A despeito das críticas que receberam,  $\frac{3}{4}$  como as árvores frutíferas que recebem pedradas  $\frac{3}{4}$  esses dois seres humanos resilientes nos legaram obras que afirmam que é preciso olhar com ternura a terra que nos acolhe e, como bem destacou Carmélia, “engrossar a fileira sustentada pelos que tem amor a esta cidade, e que acreditam nela, apesar de tudo”.

Sim! “Viver é ver Vitória” e, assim como Carmélia, acredito que a frase de Marien, “mais que um desafio à descrença e à burrice”, busca fixar “uma imagem alegre de viva-vivendo  $\frac{3}{4}$  aqui, em nós, em nossa cidade”, e “queiram ou não [os seca-pimenteira], Vitória é mesmo um presépio, de verdade, armado deliciosamente e deliciosamente desarumado na beira do mar”.

# VITÓRIA DOS OLHOS MEUS

**Rosalina Koelher**

Professora e escritora. Integrante da ALAC – Academia de Letras, Arte e Cultura de Santa Maria de Jetibá. Professora e escritora. Integrante da ALAC – Academia de Letras, Arte e Cultura de Santa Maria de Jetibá.

Lentamente, com bastante cuidado, removeram-lhe os curativos. A princípio, nenhuma luz. Apenas um intenso ardor alastrando-se pelo rosto, irradiando crânio adentro. Agonia indescritível. Pediram-lhe que abrisse os olhos, dizendo que poderia fazê-lo sem receios. Abriu-os devagar, somente um pouco, deixando-os semicerrados como um predador à espreita de uma presa. Credo! Ele sentia-se tal qual uma presa acuada naquela sala. Homem humilde, com praticamente nenhum letramento, sacrificado pela abstração social, tinha vergonha e receio dos julgamentos alheios. Portanto, seu mundo limitava-se ao anonimato e à pequenez das coisas.

Forçou o olhar. Entretanto, a luminosidade que lhe adentrou as pupilas ofuscou tudo. Somente o brilhante, o luzidio, o hipnótico e assustador branco. Cerrou novamente, rápido, as pálpebras arroxeadas. Alguém lhe tocou levemente o braço:

- Vamos papai! Coragem! Abra os olhos! De novo!

Reconheceu a voz melodiosa de sua filha Laura. Afinal, se acostumara com o tom de vozes da maioria das pessoas de seu convívio. E a voz de Laura era simplesmente angelical, inconfundível. Descerrou novamente as pálpebras. Piscou. Lutou para manter os olhos abertos. Lacrimou, tamanho desconforto.

Em instantes, que lhe pareceram eternos, divisou contornos, a princípio irregulares e confusos. E então, tudo lhe pareceu obvio. Afinal, a cegueira adquirida aos 47 anos, devido à vivência árdua no interior, aos cuidados praticamente inexistentes com a saúde e o inevitável avanço da idade não lhe afetaram a percepção. Ainda era capaz de identificar os objetos, as pessoas e o ambiente entorno, mesmo que por analogias.

Avistou uma gigantesca janela de vidro, ocupando praticamente toda a extensão da parede. Esgueirou-se, e trôpego, caminhou para mais perto da vidraça, ignorando os demais personagens da sala.

Adiante, externamente, viu prédios bastante altos, pontilhados por janelas de várias dimensões, mas incrivelmente parecidas quanto ao formato retangular. Vislumbrou algumas varandas, mas tudo lhe pareceu monótono e idêntico. Chegou mais perto do vidro. Agora, as construções não aparentavam tanta semelhança quanto julgara a princípio. Datadas de épocas remotas, marcadas pelas intempéries e passagem do tempo, vislumbrou história em algumas edificações. Em contrapartida, edifícios recentemente construídos exalando modernidade, impregnavam, imponentes, a paisagem.

Olhou para baixo, para o abismo vertical de concreto sob seus pés. Um emaranhado de lojas com vitrines coloridas e alegres descortinou-se lá embaixo. Nas ruas e calçadas transeuntes apressados, aparentemente atrasados, iam e vinham, no compasso das marchas aceleradas. Veículos ruidosos, de variadas marcas e modelos trafegavam céleres pelas ruas e avenidas. Ponderou silenciosamente sobre o quão estranho e cansativo deveria ser viver na constante agitação citadina. Considerava a vida rural mais serena e segura.

Preferiu admirar o horizonte. Divisou, entre a imponência dos prédios, em segundo plano, contrastes singulares. Aparentemente espremidas, numa desordenada aglomeração, variadas casinhas e barracas. Algumas construções de alvenaria acabadas ou não, outras de madeira. Todas toscamente cobertas por variados elementos de modo a formar um mosaico desordenado, estendendo-se morro acima.

Bem mais adiante, descortinou alguns rochedos salientes e ainda mais longe, ondulações verdes acinzentadas. Notou diminutos pontilhados de vegetação remanescente, testemunha da floresta que outrora existira. Nada comparado à extensa área de mata em sua propriedade que vislumbrara da varanda de seu casebre, quando podia enxergar perfeitamente. Aprendera com os antepassados a manter parte da natureza o mais original possível, deixando fluir as relações nela existentes. Disso dependiam a pureza do ar, a riqueza dos solos



e a abundância de água. E principalmente disso, dependia a sobrevivência da família, já que viviam de plantio e colheita.

Inspirou profundamente. Um toque afetivo no seu ombro esquerdo:

- Pai?

Virou o rosto. Porém deteve o olhar na paisagem, novamente. E então, os olhos cintilaram intensamente. Avistara, à esquerda, não muito longe, uma enorme lagoa. E flutuando sob suas águas verde escuras, uma majestosa embarcação.

- É a Baía, papai. O mar abraçando a Ilha de Vitória.

- O mar – murmurou. Muitas vezes ouvira falar. Uma vasta extensão de águas salgadas, profundas e obscuras, mesclando-se com o céu na imensidão do horizonte. Espreitou melhor. Não viu a linha do horizonte. Interromperam seus devaneios.

- Venha papai. Deixe o doutor examinar seus olhos, para avaliar melhor, o resultado da cirurgia.

Concordou positivamente com a cabeça. Um último olhar pela janela. Virou vagorosamente o corpo cansado pela longa existência e sentou-se na poltrona.

Encerrado o exame. Resultado promissor. Medicamentos e cuidados prescritos. Saíram do consultório. Ele amparado pela mão de Laura, matutava acerca do quanto a paisagem que vira lhe parecia equivocada. Como em uma tela pintada por algum artista ambíguo, em uma mesma imagem, suscetíveis de comparação, a criação divina manifestando-se gloriosamente em contraste com obras edificadas e moldadas por mãos humanas. Encantadoramente complexo.

Homem de fé, reverencioso elevou uma prece de gratidão. E seus olhos sorriram.

# VIVER EM VITÓRIA

**Shirley Marylene Peixoto Saliba**

Mestra em Linguística Aplicada ao Português pela PUC-RS. Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo.

*O pensamento parece uma coisa à toa.  
Mas, como é que a gente voa, quando começa a pensar.*

Volto à Vitória da minha adolescência. Praça Costa Pereira. Tempo em que, bem arrumadas, rodeávamos a praça pela direita e os rapazes, pela esquerda.

Não sabíamos que Costa Pereira fora presidente das Províncias do Espírito Santo, nem que ele ocupara a cadeira número 7 da Academia Espírito-santense de Letras. O que nos importava era passear e ver se “determinada pessoa” passava por lá. O flerte, na época, existia.

A esquina, perto do Cine Glória, para nós, era o PO, Ponto de Observação, lugar que nos permitia ver os que passavam pelos dois lados da Praça. Nada encontrado, íamos à Pinguim, a sorveteria mais chique da cidade. Em suas mesinhas de tampo de mármore e pés de ferro, eram servidos deliciosos doces e sorvetes. Jamais pedimos ao garçom beijos-frios, pois um lugar tão chique não serviria picolé.

Na Costa Pereira, a Casa Madame Prado atendia às pessoas elegantes de Vitória. Comprar nessa casa significava prestígio. Na mesma calçada, o Bar Avenida oferecia aos fregueses boa cerveja e bom papo. E isso nunca faltava, pois o Avenida vivia sempre cheio.

Ah! E os bondes! Lembro-me da linha Centro — Praia do Canto. Eu estudava no Sacré Coeur que ficava na Rua Moacir Avidos, na Praia do Canto. Dirigido por freiras, era só para meninas. Poucos pais buscavam as filhas no colégio. As demais iam, de uniformes, acompanhadas pelas freiras até o ponto final do bonde.

Os rapazotes que, no reboque, esperavam as freiras voltarem, pulavam para o estribo e iam até onde estávamos. Felizes, íamos ouvindo

os galanteios deles. Um plim-plim do motorneiro avisava que chegara ao ponto Pedro Daniel. Os jovens pulavam para o estribo do outro bonde, para voltar no dia seguinte. As freiras, desconfiadas, começaram a ir conosco no bonde. Os galanteadores nunca mais apareceram!

Na linha Centro — Santo Antônio, ao deixar a Costa Pereira, o bonde passava pelo Ed. Antenor Guimarães, o primeiro mais alto de Vitória. Na Rua Sete, acenava para a Dol Esporte, o armazém de Seu Quinzinho, a Prefeitura de Vitória, atrás da qual, Robson Peixoto, Alarico Cabral, Constant Benezat, Augusto Viana e outros, jogavam futebol, sob a direção de Baianinho.

Do bonde, ouvia-se o som do violino que, em casa, tocava Dr. Ethereldes Queiroz do Valle. E, pelos trilhos da minha memória, passava pelo Ed. Abaurre, onde eu morava, a casa dos Grijós, dos Vals, dos Sarguis, do Hermes Carloni, cujo pai, André Carloni, construtor da mansão deles, no final das tardes, tocava piano e fumava charuto cubano.

Frequentávamos cinemas. No centro de Vitória, ficavam o Teatro Carlos Gomes, o Glória, o Jandaia, o São Luiz, o Vitória, o Trianon, o Santa Cecília e o Paz. O Glória ocupava um prédio, no qual reservava um andar para a geral, outro para camarotes destinados às autoridades e outro para os que pagavam os ingressos mais caros. O Teatro Carlos Gomes, pertencente a André Carloni, foi construído por ele, inspirado no Alla Scala, de Milão. Era espaço para cinema, teatro, concertos e óperas.

O São Luiz e o Santa Cecília, embora ficassem mais distantes, eram os nossos preferidos. O São Luiz foi o primeiro cinema a ter ar condicionado em Vitória. O Santa Cecília era tão confortável que foi chamado de o palácio dos cinemas da Capital. Para chegarmos a esses cinemas, no Bar do Lira, parávamos para tomar caldo de cana com pastel. E passeando pela Jerônimo Monteiro, passávamos pela Vidrália, a Baby Capixaba, a Casa Durval, a Sapataria Principal, a Esperança, a Queimadeira e outras. E, na Praça Oito, a Casa Flor de Maio vendia chapéus e guarda-chuvas.

Próximo ao Palácio do Governo, no Hotel Tabajara, Getúlio Vargas, na sua campanha presidencial, discursou para uma multidão

que se aglomerava na rua. E eu, menina, tendo ido com meu pai, José Peixoto, deputado estadual, até Getúlio, recebi dele um beijo.

Amávamos dançar. Na Capital, havia o Clube Vitória, o Álvares Cabral e o Saldanha da Gama. O Vitória era frequentado pela alta sociedade. Nele, apresentavam-se grandes orquestras. O Baile das Debutantes era o maior evento do Clube e da Cidade.

Embora meus pais preferissem o Vitória e eu tivesse participado do Baile das Debutantes, o Saldanha da Gama era o meu escolhido. O Álvares e o Saldanha eram rivais no esporte. Quando competiam nas regatas, o Saldanha promovia domingueiras dançantes. Enquanto os remadores, lá fora, tentavam ultrapassar os concorrentes, no salão, dançávamos ao som da orquestra de Hélio Mendes. Quando o Saldanha ganhava, a domingueira não tinha hora para acabar. Nessas domingueiras, sentimos a sensação primeira de dançar de rosto colado.

O flerte, a Pinguim, os bondes, as salas de cinemas, os passeios pela Jerônimo Monteiro, os clubes, tudo acabou? Não! Tudo continua vivo na memória de quem, na adolescência, viveu em Vitória.

# VIVER É VER VITÓRIA

## Sonia Maria Rosseto

Membro da Afesl- Academia Feminina Espírito-santense de Letras  
cadeira 15. Escritora de Literária Infantil. Licenciatura e bacharelado em  
Pedagogia - pós em Libras.

Quem vive em Vitória, já é vitorioso por excelência. Morar numa cidade tão bela e cheia de encantos mil, como disse o cantor, é ser privilegiado(a) de tantas graças. Uma capital que tem como esposo (Estado) o Espírito Santo e como padroeira Nossa Senhora da Penha, é uma terra encantadora! Quem não conhece Vitória ainda não viu coisas belas neste Brasil!

Banhada pelo oceano Atlântico recebe ilustres visitas em suas praias: baleias, golfinhos e até tubarões já ousaram se banhar em suas praias. Suas belezas naturais e pontos turísticos encantam os visitantes. O que é um local de grande movimentação de trabalho, se torna um uma atração turística; O porto de Vitória. Quando imensos navios cruzam sua baía, não há quem não fique inebriado por aquela visão espetacular. Momento que se torna um acontecimento histórico, sendo eternizado nos celulares de quem por ali passa. Vitória encanta aos olhos e alegra os corações! A avenida Mascarenhas de Moraes ou beira mar, reserva para os olhares uma beleza que poucas cidades têm. A capital praiana do brasil tem encantos de Metrópolis e nos proporciona suspiros silvestres de montanhas! Aos poetas, Vitória concede momentos de êxtase para suas criações. Cada escadaria que temos dá uma poesia. Cada árvore, cada praça, cada casario antigo; nos remete a momentos de reflexão e suspiros de saudosismo feliz e poético. Em Vitória, nos sentimos vivos e parece que a felicidade é eterna. Quem conhece a capital do Espírito Santo, sente que a vida vale a pena ser vivida.

Há ainda, várias atrações gastronômicas, que em nenhuma cidade do mundo é igual a de nossa capital: A moqueca capixaba, a torta capixaba e o recipiente que ambas são preparadas; a panela de

barro. Este recipiente faz parte da cultura do nosso Estado. E, Goiabeiras, bairro desta capital, acolhe suas produtoras. Com o novo aeroporto, surge a avenida das paneleiras, uma homenagem aos trabalhadores desse ofício. Vitória é uma cidade pequena de muito charme e tem pose de Metrópolis. Temos neste mesmo bairro, a universidade Federal. Situada em Vitória, a reta da Penha ou Avenida Nossa Senhora da Penha, é a única reta que tem uma curva! Ela parece te levar ao convento da Penha, que está situado em outro município. Mas, como dá para vê-lo do alto da pedra, dá-se a impressão que segue até o mesmo.

Viver é ver Vitória, com os morros de casas coloridas durante o dia, e quando chega à noite, as luzes o enfeitam como uma árvore de Natal”. As suas pontes que são verdadeiras obras de arte: as cinco pontes, a ponte seca, a ponte Ayrton Sena, a ponte da Passagem, a segunda e terceira pontes, fazem Vitória ainda mais bela!

Como não amar Vitória com esses e mais diversos encantos!

## TEMPO

### Thiago Soares Damasceno

Técnico em agroecologia, produtor e difusor cultural, tendo atuações em projetos editoriais de literatura, cineclubismo, fotografia, diversidade cultural capixaba e movimentos socioculturais.

Dizem que existem três tempo verbais, o passado, presente e futuro. O verbo (eu) dança e se mistura a esses três tempos.

Fecho os olhos e me encontro em uma praça, descalço na terra, com as canelas (finas) russas.

Abro os olhos e estou na fila da lotérica pagando a prestação atrasada da faculdade.

Deito e sonho, incerto, mas flutuo, vejo um mundo de esperança. De alegrias e carinhos.

Acordo assustado, despertador tocando, corro no banheiro, escovo os dentes e tomo banho. Uso roupão, quase caio, corro e passo o café. Arrumo a bolsa, visto a calça, a camisa da firma, coloco o fone e vou ao ponto de ônibus.

Ao som de "Andar com fé" fecho os olhos, e volto a uma manhã no quarto dos avós, me deparo dançando essa música com meu avô ao som de vinil. Abro os olhos e o ônibus chegou ao ponto.

Embarco, passo na catraca, tiro o fone, abro o livro. "Senhora: Chora o amor com voz sem corpo. Pranto estéril que não umedece a terra e faz florescer a praga mais resistente, o ódio", que Ódio, lembrei do dia que ela me convidou para comer esfirra em Jardim Camburi e anunciou nosso término, para se aventurar pelo Ceará com um maldito geólogo. Deixei Luca Bandit pra lá.

Voltei para meu fone: "Devo de ir, fadas, inseto voa em cego sem direção..." fechei os olhos, esqueci do passado e do presente, imaginei um belo encontro num futuro, utópico, incerto. Fui interrompido por buzinas, na saída da UFES, próximo à ponte da

passagem, trânsito parado. Vou chegar atrasado no trabalho, deixa me comunicar.

Ao abrir o aplicativo de conversas, mandei que não consigo chegar às 8, no Centro de Vitória. A fome vem batendo, lembrei da fruta pão com aipim de café da manhã que Dona Maria fazia, mas também imaginei café expresso próximo ao trabalho com um pão e manteiga na chapa.

Entra uma moça no ônibus que eu tenho sensação que a conheço, fico reparando, para tentar lembrar quem é... Lembrei, Letícia, minha veterana do ensino médio na Agrotécnica de Santa Teresa, chamei pelo nome e me ofereci em segurar a bolsa. Ela não lembrou, me apresentei, e situei de onde eu conhecia, os nomes em comuns e circunstâncias relatadas, ela venho memorizando. Era seu primeiro dia como servidora concursada na Sedu, soltou na Cesar Hilal. Seguir meu caminho.

Abri a bolsa e vi o livro, pensei "melhor não!", Coloquei o fone e liguei a rádio o noticiário era a queda drástica do dólar e a crise hipotética dos EUA. Relembrei a famigerada crise de 2008, tive medo, pensei em tudo que vivemos nos países em desenvolvimento e no financiamento do caos e golpes. Mas em seguida o noticiário foi a criação de uma moeda de negociação do mercado Sul-Sul e o protagonismo do Brasil no Brics. Pensei " O Brics pode mudar o equilíbrio das forças, mas não mudam o mundo sozinho". Cheguei ao ponto do palácio Anchieta, subo a escadaria mais rápido, passo pelo café expresso, não paro, estou atrasado, chego ao trabalho, sem tempo para o passado, resolvendo o presente sem medo do futuro.



# MEU LUGAR DE VER VITÓRIA

**Vanda Luiza de Souza Netto**

Mestre em Estudos Literários pela UFES e revisora de texto.

Nasci muito longe do mar, e só vim a conhecê-lo aos 17 anos. E foi uma grande emoção, que viria a se repetir ao longo dos anos, em cada novo encontro. Hoje vivo em uma cidade à beira do mar, Vitória, e o encanto permanece. Meu lugar, em Vitória, é na praia tranquila de Camburi, no ponto em que ela se protege dos ventos mais fortes, bem na curva que avança pelo mar...

Gosto de ficar ali, curtindo o “estar só”, aspiro o ar límpido que me enche os pulmões de maresia. Olho hipnotizada para as ondas que se desmancham sobre a areia, nesse ir e vir incansável, movido pelos ventos e as correntes invisíveis. Pisco e olho as gaivotas que beliscam as águas, em busca de seus peixes. Olho longe, até o horizonte, e vejo navios que chegam e que partem, faço de conta que são as caravelas do Vasco Fernandes Coutinho e pergunto: - Por que ele não aportou aqui, no meu lugar favorito? Sei lá, foi mais adiante, talvez entontecido pelo calor e o mistério das matas que se derramavam até as águas cheias de sal.

Hoje, estou aqui, em meio à divagação, e lembro de uma aula sobre o Romantismo, em que apresentei um dos mais belos poemas da nossa literatura, “Deus”, de Casimiro de Abreu. Na hora, a aluna Kat falou emocionada:- Professora, quando conheci o mar, vindo da Serra da Canastra, em Minas Gerais, minha mãe declamou esse poema para mim e nunca esqueci!

“Eu me lembro! Eu me lembro! – Era pequeno

E brincava na praia; o mar bramia

E erguendo o dorso altivo, sacudia

A branca espuma para o céu sereno

E eu disse a minha mãe nesse momento:

“Que dura orquestra! Que furor insano!  
“Que pode haver maior que o oceano,  
“Ou que seja mais forte do que o vento?!”  
Minha mãe a sorrir olhou pr’os céus  
E respondeu: – Um Ser que nós não vemos  
“É maior do que o mar que nós tememos,  
“Mais forte que o tufão! Meu filho, é – Deus!”

E eu nunca esqueci os olhos marejados de Kat, ao lembrar do mar. Lembranças que se formam na alegria de “estar só”, no meu lugar preferido em Vitória, cidade-mar.

## EU MONOLOGO COM...

### Vitória Sainohira

Japonesa, reside em Vitória/ES há 21 anos. Publicou o livro *Meu Cântico à Natureza*, em 2022. É regente de coral, professora de japonês, tradutora e gerente de projetos.

Eu monologo  
com os colegas da Avenida República:  
os pombos; os cães; os gatos;  
as pessoas sonolentas etc.  
“Será que teremos o que comer hoje?”  
“Será que teremos o dia de amanhã?”

Eu monologo  
com a estátua do Parque Moscoso.  
O senhor homenageado mantém a cara.  
Sua epígrafe me lembra do CV,  
não dele, mas o meu:  
trabalhos feitos lá no passado;  
vida esquecida estando aqui.

Eu monologo  
com a foto velha no meu RG:  
“Ainda sou você?”  
“Continuo sendo humano?”  
Meus colegas da rua  
me avistam de longe,  
através das grades,  
sem interesse.

# VIVER EM VITÓRIA

**Wanda Maria Alckmin**

Poeta com 19 livros editados. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do ES, da Academia Espírito-santense de Letras e da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras.

## **Viver em Vitória**

Vivo em Vitória há 50 anos  
Investindo no meu viver  
Versejando e aprendendo  
Encontrando e renascendo  
Restaurando o avesso meu.

E nesta ilha muito se aprende  
Em dias e noites de labor.

Viajo muito e sempre volto  
Interligando o céu, terra e mar  
Tornando-me ponte do ir e vir  
Ó ... mil ensinamentos, isto traz!  
Reflico diariamente sobretudo  
Incansável viver em lapidação  
A vitória um dia chega: tim-tim.

## **Viver é ver Vitória**

Venha conhecer Vitória  
Incrível ilha de se viver.  
Vamos, anime-se!  
E ao dar esse passo  
Rodopie, se encante de vez!

É tempo de ser feliz!!

Viver como você sempre quis  
Encontrar com o sol e com o mar  
Repetir... as delícias culinárias.

Viver as praias e terra-paráiso  
Incríveis experiências terá!  
Trilha-ponte de mar e montanha  
Ó cidade que te quero viva!!  
Recordarás deste tempo  
Imersão de corpo e alma  
Ah... venha, e a deixe se for capaz!



